

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

CAMPUS PELOTAS - VISCONDE DA GRAÇA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Marilei Moraes da Silva

Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na
alfabetização

Pelotas, 2022

Marilei Moraes da Silva

Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na alfabetização

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação, área de concentração: Formação de professores.

Orientador: Profa. Dra. Angelita Hentges

Pelotas

2022

Marilei Moraes da Silva

Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na alfabetização

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação, área de concentração: Formação de professores.

Trabalho de Conclusão de curso defendido e aprovado em 23 de novembro, de 2022.

Prof.^a Dr.^a Angelita Hentges
(Orientadora – CaVG/IFSul)

Prof. Cláudio Baptista Carle
UFPEL

Prof. Maykon Muller
IFSUL CAVG PPGCITED

Prof. Marcos Betemps
IFSUL CAVG PPGCITED

C586d Silva, Marilei Moraes da
Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na alfabetização/ Marilei Moraes da Silva. – 2022.
63 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Câmpus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós - graduação em Ciências e Tecnologias da Educação, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Angelita Hentges.

1. Tecnologias na educação. 2. Educação inclusiva. 3. Alunos – dificuldades de aprendizagem. 4. Atividades pedagógicas. I. Hentges, Angelita (orient.). II. Título.

CDU: 376

Catálogo na fonte elaborada pelo Bibliotecário
Vitor Gonçalves Dias CRB 10/1938
Câmpus Pelotas Visconde da Graça

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos Jonatan, Cibele e Juliane que me fizeram crescer como pessoa, além de mãe, ensinando-me que cada criança tem suas peculiaridades, seu tempo e seu jeito de aprender e que está tudo bem.

Ao meu marido, Francisco, pela paciência e motivação.

Aos meus netos Nicolas, Ricardo, Julia, Rafaela, Antônia e Maria que tenham a oportunidade de viver em um mundo mais humano com oportunidades iguais para todos e todas sem nenhuma distinção social, de etnia, credo ou gênero.

Em especial à minha mãe (in memoriam) que me ensinou a nunca desistir de buscar ser uma pessoa melhor a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à equipe da escola Recanto por me oportunizar o espaço para a realização dessa pesquisa, em especial à professora alfabetizadora, Jaíne Quevedo pela troca de saberes, vivências e construção deste trabalho. Aos meus colegas da escola, por me ensinarem que precisamos uns dos outros nesta caminhada docente.

Aos mestres que contribuíram para minha formação.

Aos estudantes que passaram em minha vida ensinando-me e provocando-me a fazer a diferença na educação.

Aos meus colegas do mestrado que estiveram sempre juntos, apoiando e fazendo trocas, em especial Patricia Bonow e Eliane Bizarro.

À minha orientadora Angelita Hentges pelos ensinamentos, trocas, paciência e dedicação.

À minha primeira orientadora Maria Laura Brenner de Moraes pelos seus ensinamentos.

À querida amiga Maria do Carmo Prestes que me acompanhou na revisão da escrita.

Ao meu amigo e compadre Leonardo Vieira, por me incentivar a ingressar no mestrado.

Aos professores e a esta instituição por proporcionarem a concretização de minha formação no mestrado.

E aos meus familiares por acreditarem em mim e me incentivarem na busca de minhas conquistas.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como foi o preparo acadêmico da professora de educação básica, na construção de planejamento individual para alunos com dificuldades de aprendizagem. Como fruto dessa pesquisa, trago como produto, um guia de orientações para organização de um planejamento inclusivo e uma oficina criativa com adaptações de atividades pedagógicas, como ferramenta para o trabalho docente voltado para alunos com dificuldades na aprendizagem na alfabetização. A metodologia de pesquisa foi de cunho qualitativo, através de pesquisa participante. A coleta de dados aconteceu através de quatro encontros virtuais e um questionário via e-mail. Sendo três encontros como conversas e um encontro para análise do planejamento. Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos. O referencial teórico aborda Maurice Tardif (2017) sobre a formação e ação docente, Antônio Nóvoa (1991) aborda a formação continuada e a autoformação docente, trazendo na educação inclusiva Maria Teresa Mantoan (2011) e Alícia Fernandez (2001) e na linha da alfabetização Magda Soares (2021). Acreditamos que esta pesquisa venha contribuir para a ação docente e para os cursos de formação acadêmica.

Palavras-chave: formação; teoria e prática; educação inclusiva.

ABSTRACT

This research aims to analyze the academic training process of the basic education teacher in the construction of individual planning for students with learning difficulties. As a product, it brings an orientation guide for the organization of an inclusive planning and a creative workshop with adaptations of pedagogical activities, tools for the teaching work focused on students with learning difficulties in literacy. The methodology used is qualitative, based on the participatory research method. The data collection was carried out through four virtual meetings and the application of a questionnaire sent by e-mail; of these, three meetings consisted in conversations and one in planning analysis. The meetings were recorded and later transcribed. The theoretical framework is based on Maurice Tardif (2017) on teacher training and action, Antônio Nóvoa (1991) on continuing education and teacher self-training, Maria Teresa Mantoan (2011) and Alícia Fernandez (2001) on inclusive education, and Magda Soares (2021) on literacy. It is expected that this research will contribute to the teaching action and to the academic training courses.

Keywords: training; theory and practice; education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

BNCC – Base Nacional Curricular

CAVG – Campus Visconde da Graça

CEED – Conselho Estadual de Educação

CIEE- Centro de Integração Empresa-Escola

EF– Ensino Fundamental

IFSUL – Instituto Federal Sul - Rio-Grandense

LDB– Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

NEE – Necessidades Educacionais Especiais

PNE –Plano Nacional de Educação

PDI –Plano de desenvolvimento individual

PPP- Plano Político Pedagógico

SINPRO – Sindicato dos Professores do Ensino Privado

SUMÁRIO

ALINHAVANDO RETALHOS: DA INFÂNCIA À FORMAÇÃO DOCENTE	10
1 POR DENTRO DA PESQUISA.....	10
2 O QUE DIZEM OS AUTORES SOBRE OS PILARES DA PESQUISA.....	14
2.1 Formação de professor.....	14
2.2 Educação Inclusiva	15
2.3 O que é o planejamento	18
3.PERCURSO METODOLÓGICO-	19
3.1 Os encontros com a professora alfabetizadora	21
3.1.1 Primeiro encontro	21
3.1.2 Segundo encontro.....	25
3.1.3 Terceiro encontro	28
3.1.4 Quarto encontro: Análise do planejamento.....	29
4 ANALISANDO OS DADOS.....	30
4.1 Saberes Docentes: Formação e prática inclusiva	30
4.2 As Interfaces da atuação do coordenador pedagógico	32
4.3 (Re) Planejar para desenvolver aprendizagens.....	35
5. CONSTRUINDO PLANEJAMENTO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES.....	44
Apendice 1 - Autorização para realização da pesquisa	45
Apendice 2 - Termos de autorização de uso da imagem	46
Apendice 3 – Projeto de pesquisa.....	47
Apendice4 - Questionário	48
Anexo 5 – Questionário II	50
Anexo 6 – Questionário III	51
Anexo 7 - Planejamento.....	52

1 POR DENTRO DA PESQUISA

ALINHAVANDO RETALHOS: DA INFÂNCIA À FORMAÇÃO DOCENTE

Para a construção de um trabalho científico busca-se ao máximo a objetividade nas investigações. Entretanto, qualquer pesquisa corresponde a um conjunto de escolhas, pois não é possível encontrar-se isento de um conjunto de ideias, de valores pessoais e coletivos do qual se compartilha. Somos aprendentes a vida toda, muito embora estejamos na condição de ensinantes, nossa prática é influenciada pelos valores que temos individualmente e coletivamente. Dessa forma, não seria possível iniciar esse processo sem referir às minhas lembranças de infância e das influências que tive desde os quatro anos de idade. Na década de 70 eu tinha uma babá que, durante a noite, se transformava em professora do Movimento Brasileiro de Alfabetização. Eu gostava tanto de vê-la planejar suas aulas e pedia para que me levasse junto à escola. A professora dividia o caderno dela ao meio, uma parte ela planejava as aulas dos alunos que já sabiam ler e na outra metade, planejava atividades para os que não sabiam ler. Ela ministrava para uma turma de adultos a quem chamavam de “analfabetos”. Lembro que eu ficava numa classe ao lado da mesa da professora e observava o trabalho dela. Logo aprendi a ler e escrever, antes dos cinco anos. Quando acabava a aula e retornávamos para casa, um dos alunos, que não sabia ler, que chamarei de Darci, nos acompanhava. Ele arrastava uma perna e falava enrolado, minha babá dizia que ele era “retardado”, mas que era gente boa. Não lembro se ele chegou a ler e escrever, que era o que a professora fazia: ensinava pessoas a ler e escrever. Anos depois, optei por também ser professora e fui fazer Magistério no Colégio Municipal Pelotense. Ainda como estudante de Magistério fui fazer um estágio remunerado, pelo Centro de Integração Empresa -Escola, no Instituto São Benedito, escola em que fui interna quando criança, na qual completei minha alfabetização. Nesse estágio eu fazia oficinas criativas para crianças com dificuldades de aprendizagens. Nessas oficinas criávamos jogos, atividades lúdicas, e aulas de canto para desenvolver a alfabetização. Lembro que tínhamos uma menina, a quem chamarei de Julia, que tinha um bloqueio muito grande na aquisição da leitura e da escrita, não memorizava, não conhecia sons, não reconhecia letras e esquecia de tudo, não fixava nada. Mas era ótima na matemática, calculava de cabeça, só não conseguia fazer a representação escrita do desenvolvimento dos cálculos. Posteriormente, cursando Pedagogia, estudei sobre deficiência intelectual que me remeteu às dificuldades que

Julia apresentava, embora não tivesse nenhuma comprovação sobre alguma deficiência, visto que os pais não buscaram uma avaliação psicológica.

A partir dessa experiência procurei conhecer mais a realidade dos estudantes com dificuldades de aprendizagem, aprofundando meus estudos. Desde então, dediquei-me a participar de cursos voltados para a educação inclusiva. De igual forma, me especializei cursando Pós-Graduação em Psicopedagogia e, atualmente estou cursando minha segunda licenciatura em Educação Inclusiva no Centro Universitário FAVENI, na modalidade de ensino a distância.

Sou professora e estou coordenadora pedagógica de uma escola de Pelotas que chamarei de Escola Recanto. Ciente de que estamos em processo contínuo de aprendizagem e da importância de uma educação que contemple a todos e todas me propus a analisar, junto ao grupo docente que coordeno, quais as nossas concepções sobre a inclusão de estudantes que apresentavam dificuldades de aprendizagem. De acordo com FERNANDEZ (2001, p.54): “Um sujeito constitui-se como autor (processo que é contínuo, nunca acabado e iniciado inclusive antes do nascimento) a partir de modalidades entre seus posicionamentos de ensinante e aprendente”.

Enquanto educadores vivemos em constante processo de aprendizagem, embora estejamos na posição de ensinantes, e é através do diferente que aprendemos a aprimorar nossa prática pedagógica com vistas a prover uma educação para todos e todas.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como foi o preparo acadêmico da professora de educação básica, na construção de planejamento individual para alunos com dificuldades de aprendizagem. A metodologia de pesquisa foi de cunho qualitativo, através de pesquisa participante. A pesquisa participante é aquela que permite que o pesquisador observe como o grupo ou pessoas, através de conversa, questionários se comportam frente ao tema que se quer pesquisar. A coleta de dados aconteceu de duas formas: entrevistas que se dividiram em quatro encontros virtuais e um questionário via e-mail, sendo três encontros como conversa e um encontro para análise do planejamento. A proposta deste estudo surgiu de minhas observações durante reuniões pedagógicas em que percebi que alguns professores demonstravam muita dificuldade em construir planejamentos para estudantes com dificuldades na aprendizagem. Observei que ao construírem seus planejamentos, eles eram voltados para uma turma homogênea, em que todos entendiam e faziam as mesmas atividades propostas, porém com atividades direcionadas, de colorir, fazer desenhos livres ou folhear livros e desenhar imagens do livro que mais gostassem. Totalmente distante da proposta de

alfabetização para os demais. Tais atividades não apresentavam nenhuma verificação de aprendizagem e não estimulavam o despertar pelo aprender.

Percebia as professoras preocupadas em promover alguma forma de participação dos alunos. Mostravam-se preocupadas em promover a inclusão de todos, mas não conseguiam. A partir dessas observações, busquei saber mais como foi a formação desses professores para educação inclusiva, e entender como foram orientadas na faculdade para construir planejamentos voltados para alunos com necessidades específicas.

Para buscar respostas às minhas inquietações, convidei os professores do ensino fundamental para contribuir com esta pesquisa no final do ano de 2019. Num primeiro momento a maioria aceitou participar, após o período de férias que seria no início do ano letivo de 2020. No entanto, em março daquele ano surgiu a pandemia da Covid-19 e o ano letivo passou a ser desenvolvido de forma virtual. O que fez com que todos: alunos, famílias, professores e gestão escolar desenvolvessem novas metodologias de ensino e aprendizagem. Com isso, os professores se desculparam e não quiseram mais participar dessa pesquisa, devido à dupla jornada escolar e o preparo para o teletrabalho que estávamos vivenciando naquele momento. Como pesquisadora participante, e na condição de coordenadora pedagógica, também foi preciso estudar sobre tecnologia e plataformas digitais e planejamentos virtuais, para dar suporte aos professores. Além do suporte técnico pedagógico, por muitas vezes, fiz o papel de amiga, frente às situações e vivências para além dos desafios da jornada de teletrabalho, problemas de depressão, ansiedade, crises de pânico, crises conjugais. Entre vários desafios, junto da equipe diretiva, precisei dar suporte aos pais e familiares que não estavam preparados para atuar como professores de seus filhos, o que demandava além de conhecimentos específicos, organização familiar e paciência, muita paciência. Na condição de coordenadora, houve a necessidade de, junto da equipe diretiva, reorganizar o projeto político pedagógico da escola para que contemplasse as mudanças na rotina tanto da organização de estudos, avaliações, cronogramas escolares, proporcionando diferentes formações continuadas aos professores, propiciando *lives* com profissionais que auxiliassem os professores e as famílias para a nova rotina de estudos, o que causou ainda mais atraso no desenvolvimento dessa pesquisa. Além disso, o grupo de professores participantes na pesquisa declinou do convite, conforme explicado acima, e apenas uma professora de alfabetização, recém chegada à escola se propôs a me ajudar nessa pesquisa.

Tendo como contribuinte dessa pesquisa uma professora de alfabetização, recém-formada e que demonstrava dificuldades em planejar atividades diferentes para um aluno que apresentava dificuldades em se alfabetizar, tendo como objetivo geral dessa dissertação, analisar como foi o preparo acadêmico da professora, investigamos como foi o planejamento pedagógico da professora alfabetizadora para um estudante que apresentasse dificuldades de aprendizagem na alfabetização. Nesta dissertação apresento a caminhada com a professora alfabetizadora, no sentido de produzir um guia com dicas para a construção de um planejamento inclusivo como uma ferramenta de trabalho docente. Para construir um planejamento individual, a professora teve que articular com o plano de ensino da escola, conforme exposto a seguir.

O Plano de Estudos anual da Escola Recanto vem embasado com as regras da Base Nacional Comum Curricular, organizado trimestralmente para cada seguimento Educação Infantil e Ensino Fundamental, pela equipe pedagógica e professores. O Planejamento do professor é embasado pelo Plano de Estudos anual escolar. Esse planejamento é flexível e tem como objetivo, além de contemplar o planejamento escolar, dar subsídios para que os alunos desenvolvam suas habilidades e competências. Frente à situação exposta, essa investigação teve como objetivo geral analisar como foi o preparo acadêmico para a educação inclusiva da professora participante voltado para o planejamento inclusivo. E como objetivos específicos, compreender como a docente procurou assegurar as aprendizagens para alunos com diferentes formas de aprendizagens, tendo o planejamento como ferramenta de trabalho.

Através desta pesquisa, conseguimos ter um olhar sobre a formação acadêmica da professora participante e da pesquisadora bem como sua trajetória acadêmica voltada para a educação inclusiva.

2 - O QUE DIZEM OS AUTORES SOBRE OS PILARES DA PESQUISA

Sendo esta pesquisa embasada nos pilares da educação inclusiva, formação de professores e planejamento, trago como aporte neste processo, e apresento neste capítulo: Maurice Tardif (2017) que aborda sobre a formação e ação docente, Antônio Nóvoa (1995) que aborda a formação continuada e a autoformação docente. Trazendo na educação inclusiva Maria Teresa Mantoan (2011) e Alícia Fernandez (2001) e na linha da alfabetização Magda Soares (2021).

2.1 Formação de professor

Desde que o homem começa a viver em sociedade, a função do professor vem passando por diferentes situações, desde complementar a educação das famílias para a formação dos filhos, buscando uma melhor inserção social até uma colocação no mercado de trabalho. Nas teorias tradicionais da educação, os professores eram os donos do conhecimento e o estudante era um mero receptor e receptor de conhecimentos passados. A importância da formação de professores foi apontada por Comenius, no século XVII e vem passando por diferentes etapas ao longo dos anos. Atualmente, para ser um professor de educação básica, que vai desde a Educação Infantil (de zero a 5 anos) às series iniciais (1º a 5º ano) conforme indicado pelo MEC, é preciso concluir o Ensino Médio e fazer a graduação em uma universidade, cursando Pedagogia.

Tardif (2017) nos diz que é preciso situar o saber do professor na interface entre o individual e social, entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo. Diz-nos ainda, que para essa formação é preciso levar em conta todos os saberes disciplinares, os saberes curriculares, os saberes das ciências da educação, os saberes da tradição pedagógica, os saberes experienciais e os saberes da ação pedagógica. Ademais, nos mostra que a profissão docente não pode ser apenas uma fonte de sustento e sim, como uma arte, a arte de ensinar, de mostrar o mundo ao outro, de auxiliar na formação de um cidadão. Para isso, é preciso que o professor veja sentido no seu fazer, na sua responsabilidade social. Que tenha uma prática docente que ensine a todos, de acordo com as diferentes formas de aprender.

Embora os conhecimentos teóricos tenham sido construídos ao longo da história da humanidade e foram aceitas como referenciais pela coletividade, há a necessidade de

ter, constantemente a resignificação que supra as necessidades educacionais atuais. Por isso, a necessidade de, além da formação inicial o professor busque o aprimoramento dos saberes através de formação continuada.

De acordo com Novóia (1991, p 23)

[...] a formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas sim através de um trabalho de refletividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante investir na pessoa e dar um *status* ao saber da experiência e ao aprender de cada um.

O autor aborda a necessidade de o professor buscar constantemente o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica, da busca de conhecimentos diários, mostrando que não são os títulos que tornam um professor um bom professor e sim a sua busca constante pelo saber e pelo prazer em ensinar aprendizagem. Nesse sentido o professor pode dar continuidade na formação nos cursos de pós-graduação **stricto sensu** que se referem aos “programas de mestrado e doutorado” e, posteriormente, pós **lato sensu** que são os “programas de especialização” e “incluem os cursos designados como MBA” Conforme o Ministério de Educação (MEC)

2.2 Educação Inclusiva

Assim como a formação de professores passou por diferentes modificações ao longo do tempo, a educação inclusiva também veio buscando seu espaço para promover uma educação de igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas em todos os aspectos, seja pelas diversidades étnicas, culturais, sociais, intelectuais, físicas, sensoriais e de gênero.

Para referenciar o pilar da educação inclusiva Mantoan (2011) nos diz que é necessário que a sociedade se conscientize que a inclusão é mais que adaptação física do ambiente escolar, requer a conscientização do professor de sua responsabilidade social em não negar a capacidade de aprender de cada um. Com isso, quando se fala em educação inclusiva, se tem a perspectiva de uma educação para todos. Para que a inclusão educacional realmente aconteça nas escolas, além de ter uma adaptação curricular, todo um planejamento escolar registrado no projeto político pedagógico da escola é preciso que o professor tenha além de um olhar diferenciado para os estudantes NEE, que os conheça, que saiba de suas habilidades e necessidades e, em cima desses conhecimentos, construa metodologias que desenvolvam o aprendizado, como nos coloca Mantoan (2011, p.65):

[...] o professor que ensina a turma toda não tem o falar, o copiar e o ditar como recurso didático-pedagógico básicos. O professor que engendra e participa da caminhada do saber com seus alunos e mediado pelo mundo consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento.

A autora nos provoca a pensar que a escola, por ser um espaço em que se constrói conhecimentos, relacionamentos ela é o lugar que proporciona condições de desenvolvimento e na formação de cidadão, tendo uma identidade sociocultural que lhes confira a oportunidade de ser e de viver dignamente. Nesse sentido, para que a inclusão aconteça nas escolas, além de ter toda uma adaptação curricular, um planejamento anual registrado no projeto político pedagógico da escola, é preciso que o professor conheça a realidade de seus alunos e elabore um planejamento individual que contemple as necessidades educacionais que possibilite o desenvolvimento das funções intelectuais que oportunizem a superação dos obstáculos, fortalecendo as possibilidades no processo de aprender. Para entendermos essa dissertação é preciso conhecer um pouco mais da educação inclusiva que vem passando por diversas fases, em diferentes épocas e culturas, portanto, tratar de processos de inclusão escolar implica, necessariamente, em tentar-se, mesmo que minimamente, abordar os movimentos inclusivos na história da educação.

As primeiras escolas voltadas para a Educação especial surgiram ainda no século XIX de D. Pedro II, mais especificamente para os surdos-mudos e os deficientes visuais. Ainda neste período criou-se um hospital e uma escola especializados no tratamento de pessoas com necessidades específicas que eram chamados de deficientes mentais e físicos. Eles eram privados de ter uma educação juntamente com as outras crianças consideradas normais. Posteriormente, com o surgimento do movimento da Escola Nova, nas décadas de 20 e 30 do século XX, os professores escolanovistas introduziram os estudos de psicologia voltados para a educação e trouxeram as novidades dos testes de inteligência, o que foi uma forma de classificar e excluir os alunos considerados atrasados intelectualmente.

Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº4024/61) previu a integração dos alunos especiais, nesta época chamados de excepcionais, no sistema geral de ensino e o apoio financeiro do governo à iniciativa privada que se dispusesse a oferecer ensino para os especiais.

Com isso, no final dos anos 60, aproximadamente 80 % dos estabelecimentos voltados ao ensino dos especiais era de natureza privada. Mas como se vê, não houve quebra do paradigma, e continuou ocorrendo a diferenciação entre alunos “normais” e “excepcionais”.

Mas foi com a Constituição Federal de 1988 que ficou garantido o atendimento especializado aos portadores de deficiência, como dever do Estado. O que vem reforçado na LDB/96 no inciso III do artigo 4, da LDB/96 que estabelece o ensino especializado gratuito aos alunos com necessidades especiais preferencialmente na rede regular de ensino.

Dentre avanços e retrocessos na educação inclusiva no Brasil, no ano de 2014 surge o PNE (Plano Nacional de Educação), indicando metas e diretrizes e para a política nacional de educação até 2024. A meta de número 4 do PNE chama-se inclusão, e o seu objetivo expresso é a universalização, para a população de 4 a 17 anos, portadora de deficiência, transtornos globais ou superdotação, do acesso à educação especializada preferencialmente na rede regular de ensino.

De acordo com as estatísticas no site do PNE, até o ano de 2018 a porcentagem de pessoas com deficiências matriculadas na rede regular de ensino era de 85.8%. E a meta é chegar a 100% até 2024.

Embora o Estatuto da Pessoa com deficiência apresentado na Lei 13.146/15, destaque a necessidade das instituições de ensino de se adaptarem a receberem alunos com qualquer que seja sua deficiência, um dos grandes desafios atuais é construir uma escola inclusiva que contemple a todos através de adaptações curriculares, arquitetônicas e sociais. Visto que a educação inclusiva é muito mais que manter um estudante dentro do mesmo espaço físico que os demais colegas, utilizando a mesma metodologia. Dentre as diferentes formas de aprender é preciso conhecer um pouco mais do público-alvo da educação inclusiva.

Assim, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, pode ter restringido sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais, recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com Autismo, Síndrome do Espectro do Autismo, e Psicose Infantil. Alunos com Altas Habilidades / Superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (Brasil, 2008, p.9).

Pensando no professor como mediador de aprendizagens, estando ele sempre na condição de aprendente e ensinante, é importante que busque constantemente novos saberes, que autoanalise sua prática pedagógica com vistas a autoformar-se na sua professoralidade. No que tange à autoformação docente, Fernández (2001, p. 61) nos diz que “Para aprender, o sujeito precisa apelar simultaneamente às duas posições: aprendente e ensinante”, é fundamental que o professor se coloque constantemente como aprendiz, com o propósito de ampliar seus conhecimentos, não ficar estagnado

devendo sempre buscar, inovar seu saber a fim de promover uma boa educação sobre sua práxis. Como nos diz Freire (2005) *a práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo*. O que reforça a importância da busca constante de novos saberes a fim de aprimorar a prática refletindo sobre sua ação de forma crítica e permanente, tendo a ciência de que essa prática não acontece com o acúmulo de títulos e sim através de uma reflexão ação.

Embasando essa pesquisa Soares (2021) nos diz que o processo de alfabetização é a porta de entrada para a cultura da leitura e da escrita, que este é um processo de aprendizagem que inclui a criança com aquilo que aprende e com aquele que ensina.

[...]alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é da natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. (SOARES,2021, p.27)

Para a alfabetização e letramento acontecer, o planejamento do professor é fundamental, para organizar e dar continuidade às aprendizagens, visto que esse processo é cumulativo e contínuo, no qual o professor consegue ajudar o estudante na identificação dos fonemas, através da ludicidade e no desenvolvimento da consciência grafonêmica, aliando teoria e prática. Para (Soares 2021) uma professora sem planejamento em sala de aula evidencia seu conceito de que cada aula é uma unidade independente da outra.

2.3 O que é o planejamento

Em nosso cotidiano, o planejamento está presente em quase toda nossa rotina de vida. No trabalho docente, o planejamento é um instrumento que organiza, orienta o trabalho do professor, através de uma prática reflexiva de ações, pensadas didaticamente sobre o fazer pedagógico, com vistas a que contemple a dinâmica das relações sociais, culturais e socioemocionais que formam o cenário escolar, através do planejamento pensado didaticamente, articulado entre a proposta da escola, articulando os saberes com os conteúdos de forma que contemple as diferentes formas de aprender de forma coerente. De acordo com Libâneo (1994, p. 222) o planejamento tem grande importância por ser um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Ademais é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos

propostos, quanto à sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. Portanto, o planejamento de aula é um instrumento essencial para o professor elaborar sua metodologia conforme o objetivo a ser alcançado, tendo que ser criteriosamente adequado para as diferentes turmas, havendo flexibilidade caso necessite de alterações, corroborando com a proposta dessa pesquisa do planejamento como ferramenta de trabalho docente com vistas a estimular e desenvolver aprendizagens nas diferentes formas de aprender, das nossas crianças. Para dar continuidade à nossa pesquisa, no capítulo seguinte podemos conhecer como se deu o percurso metodológico.

3.PERCURSO METODOLÓGICO

Essa pesquisa traz uma abordagem qualitativa, pois não leva em conta as quantidades de resultados, mas aborda uma relação entre a objetividade e a subjetividade dos sujeitos de pesquisa, de acordo com Gil (2002, p.79), “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto”.

A coleta de dados aconteceu numa entrevista semiestruturada que se dividiu em quatro encontros virtuais e um questionário via e-mail, sendo três encontros como conversa e um encontro para análise do planejamento, criado pela professora.

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, em que o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento em que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI e QUARESMA, 2005, p.75).

O convite foi feito por telefone e posteriormente por WhatsApp. Depois de aceito foi enviado um termo de autorização via e-mail (Anexo 1). Esse foi feito por áudio, via WhatsApp, no dia quatorze de setembro, de 2020 para a professora de alfabetização, graduada em pedagogia, mestranda na área de matemática da Universidade Federal de Pelotas, e que foi aceito no mesmo dia. Depois de aceito marcamos nosso primeiro encontro para o dia vinte e três de setembro, às nove horas. Os participantes dessa pesquisa foram caracterizados como **PP**- para a pesquisadora participante e **PA** para a professora alfabetizadora. Após a escrita, a pesquisadora enviou o texto para a

professora revisar e analisar sua fala durante nossos encontros e conferir se realmente os assuntos que se misturaram em nossas falas não aparecessem na pesquisa, visto que foi uma conversa e, que em certos momentos se misturavam com situações particulares.

Os encontros foram realizados uma vez por semana, de forma virtual com duração de cinquenta minutos, totalizando três encontros para a entrevista e um encontro para o planejamento. No primeiro, fizemos a entrevista que foi mais uma conversa em que falamos sobre os desafios na sala de aula, e que neste momento estava acontecendo de forma virtual. Devido à pandemia da Covid-19, as aulas foram ministradas de forma remota, o que causou ainda mais dificuldades para os professores, não só para com alunos com necessidades específicas, mas para todos os alunos em geral. A professora participante ministrava suas aulas de forma remota, via plataformas digitais.

Como metodologia para acesso aos dados, foi usada a pesquisa participante, aquela em que a pesquisadora deve aprender a conviver com a incerteza, agir profissionalmente e ter uma postura questionadora, assumindo os dois papéis de pesquisador e de participante que se complementam, de pesquisador e de participante.

O Pesquisador Participante deve comprometer-se com seu potencial frente à situação investigada, estabelecer uma comunicação de igual a igual com os atores, participar ativamente da elaboração da problemática da ação, da pesquisa e demais etapas do processo (Brandão, 2001, p.11).

A utilização da observação participante é aquela em que o pesquisador e pesquisado são sujeitos de um mesmo trabalho em comum ainda que em situações diferentes, em que o pesquisador deve manter uma neutralidade observando o pesquisado. Como nos coloca Brandão (1999), a pesquisa participante proporciona ao pesquisador uma forma de observação participante, de modo que haja um contato direto com o conhecimento empírico e o objeto de estudo. Através das minhas observações como pesquisadora participante consegui compreender quais as dificuldades da professora em construir um planejamento individualizado com vistas a desenvolver as aprendizagens em alunos com necessidades específicas.

Como já descrito anteriormente, a pesquisa foi desenvolvida numa escola de ensino fundamental, da cidade de Pelotas, RS na qual a pesquisadora atua como Coordenadora Pedagógica. Chamamos de **PA** a professora alfabetizadora e **PP** a pesquisadora participante.

Visamos levantar as ideias que a **PA** tinha a respeito da inclusão, bem como conhecer como foi seu preparo acadêmico frente à educação inclusiva e analisar as

possíveis dificuldades encontradas para desenvolver aprendizagens de estudantes com dificuldades de aprendizagem. Nossos encontros foram gravados em vídeo e áudio e depois transcritos. A partir da entrevista semiestruturada que foi enviada por e-mail, através de um questionário e das conversas nos encontros que tivemos, foi possível conhecer como foi a formação acadêmica da professora para a educação inclusiva, bem como analisar as suas concepções sobre o seu trabalho pedagógico voltado para alunos com dificuldades de aprendizagem. Após esse momento, solicitei à PA que criasse um planejamento individual (PI), para o aluno com dificuldades de aprendizagem, que contemplasse as habilidades fundamentais estipuladas na BNCC.

A análise do planejamento aconteceu virtualmente, no dia vinte e quatro de novembro, pelo google meet. Gerei um link, enviei por whats o encontro teve duração de uma hora e trinta minutos. Espelhamos o planejamento na tela do computador e fomos conversando sobre ele. A PA explicou que escolheu um conteúdo básico da alfabetização, caracterizou as dificuldades que o aluno apresentava, quais os objetivos almejavam alcançar com esse planejamento e quais as competências que a BNCC indicava para esse seguimento. Analisamos o fazer pedagógico da professora que colocou que sua maior dificuldade era não conseguir fazer com que seu aluno desenvolvesse a leitura. Analisamos se a proposta do planejamento estava direcionada para a realidade do aluno conforme sua dificuldade.

Na sequência do texto apresento os dados levantados, que consistem na transcrição dos encontros e da entrevista.

3.1 Os encontros com a professora alfabetizadora

Apresento como foram nossos encontros que decorreram através de quatro momentos, sendo três como entrevista e o quarto para análise do planejamento criado pela PA, os quais trouxeram elementos para que a pesquisa se concretizasse.

3.1.1 Primeiro encontro

Nosso primeiro encontro aconteceu no dia vinte e três de setembro de 2020. A pesquisadora gerou um link pelo Google meet, a conversa durou cinquenta minutos. Devido a estarmos em meio a uma pandemia e a professora, assim como a coordenadora estarem se reinventando, tanto no uso das tecnologias com as plataformas digitais como na prática pedagógica de forma virtual, nosso primeiro encontro foi mais um desabafo, uma conversa entre professora e pesquisadora que,

neste momento não representava a coordenadora pedagógica, o que foi bem difícil de separar. Por esse motivo nem todas as falas foram autorizadas a constar aqui. Num primeiro momento encontro PP apresenta a PA a motivação para a pesquisa, a ideia de um produto educacional e seu objetivo, conforme coloco abaixo:

PP- Frente a tantas dificuldades que temos em promover uma educação de qualidade para alunos com deficiência intelectual, realidade cada vez mais presente na nossa escola, o objetivo do meu projeto é investigar se o professor tem dificuldades em construir um planejamento que contemple as aprendizagens dos nossos alunos com dificuldades de aprendizagem, saber se tais dificuldades acontecem por causa da formação acadêmica ou da prática pedagógica. Essa proposta de pesquisa surgiu por causa de algumas observações que fiz aqui na escola. Tínhamos um aluno com o diagnóstico de Transtorno do Desenvolvimento global (TDG). Durante um conselho de classe os professores destacaram que este aluno ia muito bem, realizava as atividades “adaptadas”, interagiu com os colegas, participava bem das aulas, fazia atividades práticas junto da turma e não incomodava. E eu perguntei: Mas o que ele aprende na disciplina de vocês? Que avaliação aplicam para saber o que realmente ele entendeu do trabalho que fez? Como ele explica o que compreendeu? E eles me responderam que o importante não era o que ele aprendeu, mas como ele se integrou no grupo e fez as atividades. Que só de acompanhar os pares já era um avanço. E isso começou a me incomodar. Na função de coordenadora, tentei proporcionar vários momentos formativos sobre inclusão, sobre motivar os colegas a ter um olhar e uma ação diferenciada e por muitas vezes eu percebia que alguns professores, estavam nas formações só para contar como hora, ou como presença, cuidavam o tempo no relógio, não interagiam com os palestrantes, nem nas oficinas formativas, nunca tinham dúvidas, tampouco mudavam a prática pedagógica. Tendo em vista que o mestrado profissional tem como norma a elaboração de um produto, algo que venha a contribuir para aqueles que consultarem a dissertação, trouxe como proposta mostrar como construir um planejamento inclusivo com adaptações pedagógicas, em uma oficina criativa de alfabetização. Esta oficina foi direcionada para a turma de 2º ano, para um aluno que apresentava dificuldades de aprendizagem. Em cima do planejamento, seriam analisadas as dificuldades ou não na construção de um planejamento inclusivo. *E porque contigo, que chegaste agora e não com os professores antigos da escola, tu deves estar pensando.* No final de 2019, fiz o convite para o grupo de professores do ensino fundamental, muitos aceitaram participar. No entanto, no ano seguinte com a pandemia, eles pediram desculpas, disseram que não teriam tempo para me ajudar, pois estavam todos muito atarefados com as aulas remotas.

Em seguida a professora alfabetizadora respondeu:

PA- Bem pesado teu relato dos professores. Mas é preciso mudar essa visão da educação especial e embora eu seja nova na escola quero te ajudar sim. Mas é difícil apontar um aluno, não é? Ainda mais agora em tempo de pandemia, com os alunos em casa, se alfabetizando pelo computador, muitos têm dificuldades na aprendizagem. Estou muito feliz com o convite e espero poder contribuir no teu trabalho.

PP- Me fala um pouco de ti: quantos anos tens? Qual é a tua formação? Há quanto tempo lecionas? Por que escolheste ser professora?

PA - Tenho 26 anos, sou licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas, cursei de 2013 a 2017 estou lecionando desde 2018. A primeira coisa que eu lembro é da importância que a escola teve na minha vida. Eu fui uma criança que quando entrei na primeira série não sabia nem escrever o meu nome. Nem sabia o que era a letra “j” para pelo menos pensar no meu nome, nem o que era vogal, muito menos consoante. Porque meus pais nunca tiveram tempo de me ensinar. Eu entrei na escola com muita vontade de aprender, muita vontade! E eu tive uma professora alfabetizadora que foi incrível. Ela me dizia que via em mim muita ansia de aprender. E ela depositou isso em mim. Eu tinha a língua presa, tinha uma dificuldade imensa para falar, o que me tornava extremamente envergonhada, eu não falava na frente dos outros, porque os meus colegas caçoavam tanto de mim. Isso eu me preocupo bastante e tenho cuidado com meus alunos porque isso te exclui, te desmotiva. E ela apostou muito em mim, tanto é que eu aprendi a ler muito rápido e isso me ajudou bastante a querer continuar estudando. Meu pai trabalhava de pedreiro e as pessoas abandonavam as coisas e tal, porque estavam se mudando e aí ele ia lá arrumar a casa antes de devolverem. Então, seguido ele conseguia livros, gibis e tal e ele me dava tudo. Eu acho que, pra mim, um dos lugares mais especiais dentro de uma escola é a biblioteca. E eu tento sempre levar, nem que seja virtual o hábito da leitura de livros, em Hora do Conto, incentivar a leitura neles. Quando eu entrei para a faculdade a minha ideia era entrar na pedagogia, mas para fazer pós depois, porque eu queria trabalhar com a neuropsicologia. Eu entrei dizendo que eu não queria dar aulas. Eu entrei porque queria aprender sobre a psicologia da Educação, Filosofia da Educação, para poder depois, fazer psicopedagogia ou orientação educacional.

Meus pais viviam se mudando e eu passei por sete escolas, eles não tinham casa própria, moravam como caseiros e aí eu trocava de escolas e era sempre um problema, quando se acostumavam com meu jeito de falar numa escola eu ia pra outra e isso era um problema porque eu tinha que me adaptar, eu tinha problemas na fala, não conseguia falar a letra “r” né? Eu era a Cebolinha da escola. Mas foi com essa professora que eu tive no 1º ano que eu percebi que independente de falar diferente e

qualquer coisa, eu tinha alguma coisa legal para mostrar, então isso me motivou a continuar. Porque realmente ela fez muita diferença pra mim. Depois de passar por sete escolas no ensino fundamental eu fui para o Ensino Médio. Quando eu “tava” lá na primeira série, eu ouvi pela primeira vez, com os padrões do meu pai, que tinham uns netos, eles eram jovens e sempre me chamavam pra conversar e tal e eles falavam em faculdade e eu achava o máximo, e sempre dizia um dia eu vou fazer faculdade. Nem sabia o que era, mas eu dizia um dia vou fazer faculdade. E aí, não tinha o que eu ser alguma coisa que não fosse ou que não tivesse a ver com educação. Eu posso dizer que as reflexões que eu tive durante a graduação e as experiências obtidas durante os estágios de gestão escolar (no sétimo semestre) e depois de docência (no nono semestre) ampliaram meu olhar sobre a identidade docente e me aproximaram ainda mais da ideia de trabalhar dentro do âmbito escolar. Acho que isso tudo me motivou a ser professora.

Esse encontro foi emocionante, visto que a professora revisitou suas memórias, falou das dificuldades encontradas na época, das motivações e desafios que teve. Analisamos como a nossa ação, enquanto professor pode influenciar na vida dos alunos seja de forma positiva como negativa. O que reforça a necessidade de sermos éticos e comprometidos com nossa prática docente. Encerramos este encontro com a pesquisadora dizendo que enviaria um questionário via e-mail, para que respondesse de acordo com suas concepções. Esse questionário era composto por quatro questões, nas quais a professora deveria assinalar as alternativas que estivessem de acordo com sua prática pedagógica e a experiência que tinha, com alunos que apresentassem dificuldades de aprendizagem. As alternativas perguntavam se ela buscava novas estratégias para garantir que as aprendizagens acontecessem. Ela marcou que sim, afirmando que buscava constantemente novas aprendizagens. Sentia-se desafiada e/ou instigada, para garantir que os alunos com dificuldades de aprendizagem construíssem, o conhecimento de forma significativa? Assinalou que sim. Se planejava a mesma aula para todos a fim de garantir que tivessem o mesmo acesso ao material, assinalou que sim, que o planejamento era o mesmo para todos os alunos.

No segundo momento a professora deveria assinalar qual sua opinião em relação a alunos com deficiências cognitivas e/ou necessidades específicas. Se se sentia confortável, desafiada e preparada pedagogicamente em ter alunos com necessidades educacionais específicas. Se havia algum desconforto em ter alunos com necessidades específicas em sua turma. Se tinha tempo para pesquisar e planejar aulas diferentes e adaptadas. Se era indiferente, pois planejava a mesma aula para

todos. Dentre esses questionamentos o único assinalado foi que ela se sentia desafiada.

Na terceira questão era preciso assinalar quais as principais dificuldades encontradas para garantir as aprendizagens e a inclusão dos alunos com necessidades educacionais específicas. Se eram na formação acadêmica ou na estrutura da escola ou na preocupação social com o desenvolvimento dos conteúdos. A professora assinalou todas as opções e acrescentou, por escrito, abaixo da questão, que era impossível elencar apenas uma causa, que existem vários fatores intra e extraescolares que dificultam que a educação inclusiva (de forma concreta) possa ocorrer. Disse crer que o único que não poderia ser responsabilizado seria o aluno, afinal (escola e família) devem garantir o direito dele de aprender e ser respeitado.

Na quarta e última questão a professora deveria dissertar como a sua prática pedagógica garantia a aprendizagem dos alunos com dificuldades. Respondeu que fugia de sua alçada, ainda mais em tempos de pandemia e aulas on-line. Que tentava oportunizar espaços de trocas entre os alunos, a fim de que todos se sentissem confortáveis. Que buscava desenvolver as habilidades de leitura, interpretação e oralidade, a fim de que todos tivessem espaço para se expressar e, quando preciso, adaptava atividades propostas. Apontou que não era fácil trabalhar com alunos com dificuldades de aprendizagem, que explicava de forma individual, que buscava sempre encontrar meios para mediar as aprendizagens.

3.1.2 Segundo encontro

O segundo encontro aconteceu em seis de outubro, às nove horas e dez minutos. O Link foi gerado no Google Meet e conversamos durante cinquenta minutos. Iniciei com a pergunta:

PP-Como foi teu primeiro contato, como professora, com alunos com necessidades ou dificuldade de aprendizagem? Sentias-te preparada?

A resposta da professora:

O primeiro contato foi na graduação. Comecei dando aula três vezes por semana no projeto novos caminhos e os alunos eram jovens com déficits intelectuais. Eram alunos jovens e adultos que tinham saído da escola no tempo normal, porque não tinham aprendido e só tinha um aluno que era mais novo que eu, todos os outros eram mais velhos. Uma turma em que alguns já sabiam ler, já conseguiam realizar algum cálculo, tinham habilidades com cálculos, mas tinham suas particularidades. Depois, no estágio eu tive dois alunos com laudo e uma menina que não tinha laudo, mas tinha muita dificuldade e muita sede de aprender. Aí uma das minhas alunas estava no terceiro ano com treze anos e ainda não tinha sido alfabetizada. Só fazia leitura automática, reconhecia imagens. Tinha outro aluno que era muito tranquilo, até ser contrariado. Quando eu cheguei à escola já fui orientada que deveria ter muito cuidado com ele, (já estava rotulado né?), pois quando se sentia contrariado ou fosse enfrentado se botava no professor. Trabalhei com esses mesmos alunos, que foram meus no terceiro ano no projeto *Mais educação*. Apesar de serem turmas de educação especial e não inclusiva – já que não eram abertas para alunos sem déficits intelectuais -, considero que foi de grande valia para ampliar meu olhar sobre qual a importância de se lutar por uma educação inclusiva de qualidade. Na realidade não me sentia preparada, assim como ainda não me sinto.

O seguinte questionamento que fiz à professora foi:

Nesse teu primeiro contato com os alunos com necessidades educacionais específicas, quais foram os teus maiores desafios? Tiveste dificuldades em planejar?

No início eu comecei praticamente no escuro aquela coisa de tipo, bom vamos tentar. Iniciei sempre pela observação para depois ir para os planejamentos. Muitas coisas não deram certo, me frustrei bastante, pois tinha aluno que só trabalhava com rotina, qualquer coisa que fosse diferente já o desorganizava mental e emocionalmente. Por isso, eu tenho uma linha de pensamento que diz que ninguém é igual. Também trabalhei na educação infantil com uma aluna que não tinha laudo, mas eu tinha certeza de que ela tinha alguma deficiência. Ela só pintava com a cor laranja e quando a outra professora a obrigava a usar outra cor a aluna se revoltava e gritava muito. Só queria ficar comigo embaixo da mesa. Eu criei um laço muito forte com ela, que acabou não sendo muito saudável, este foi um caso que me deixou muito abalada emocionalmente. Eu queria fazer a diferença com ela, mas não consegui, isso foi um caso que me marcou muito, assim esses foram meus maiores desafios. A dificuldade maior nos planejamentos, é saber o que o meu aluno

não sabe, como eu vou fazê-lo compreender o que estou ensinando. Eu não posso fazer um planejamento que contemple todos da mesma forma, cada um aprende diferente e eu busco, eu tento ensinar diferente, mas nem sempre consigo e isso me frustra. Às vezes me pergunto: será que estou fazendo certo? Como posso melhorar? Como posso fazer o meu aluno conseguir ler, saber escrever e interpretar o que ele escreveu. Isso me angustia! Deixa-me impotente! Eu recebo tuas orientações como coordenadora, tuas provocações naquilo que planejo, nas ideias que tu me dás, sentas comigo, me orientas sobre as características dos alunos. Analiso a entrevista com os pais, que nem sempre falam a verdade, né, Mari? Mas o meu papel é auxiliar meu aluno na alfabetização e nem sempre consigo. Então, tenho dificuldade até hoje! Claro que estudo, busco, leio bastante. Mas, na prática é diferente.

Posteriormente fiz o seguinte questionamento à professora:

Durante a formação acadêmica aprendeste a fazer planejamento individual para alunos com necessidades educacionais?

Durante a graduação, a professora nos ensinou a ter cuidado com a “não infantilização” das atividades propostas pelos alunos, afinal eram jovens e adultos, e nós não podíamos tratá-los como crianças, ainda que em casa alguns fossem tratados dessa forma, por serem pessoas com deficiência. “Sempre tive as orientações que a gente deveria fazer planos adaptados quando necessário. Sempre partindo da premissa que deveria ser o mesmo tipo, seguir as mesmas atividades, mas adaptar quando a gente percebesse que um aluno não ia conseguir realizar “certas tarefas” assim, sabe? Mas não sair do mesmo tema. Se era uma atividade matemática que os outros estavam fazendo também, deveríamos adaptar as atividades para a realidade do aluno. Essas experiências me possibilitaram pensar muito sobre o que é ser uma professora inclusiva e ainda que eu não tenha todas as respostas que gostaria de ter (muito longe disso), busco sempre estudar e fazer o melhor que posso, com as possibilidades que tenho em mãos.

3.1.3 Terceiro encontro

Nosso terceiro encontro aconteceu no dia dezenove de outubro, às nove horas e dez minutos. O link foi gerado na plataforma Google e conversamos por cinquenta minutos. Perguntei a PA como foi sua preparação na faculdade, voltada para a inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas. Se ela acreditava que a formação acadêmica lhe deu base para trabalhar com alunos com deficiências intelectuais e ela respondeu:

Eu gostaria que esse contato tivesse sido mais amplo. No curso de Pedagogia, eu tive apenas uma disciplina obrigatória sobre inclusão, que por acaso tinha o objetivo de abranger de forma teórica todas as dificuldades e déficits de aprendizagens. Sendo assim, eu considero que foi uma disciplina aligeirada e que nos deixou com uma visão muito superficial sobre como seria possível um trabalho voltado para inclusão em sala de aula. Além da disciplina supracitada, o currículo do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, oferta a disciplina obrigatória de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mas ela tem o foco de aproximar as futuras professoras da língua de sinais e de contextualização histórica no Brasil. Particularmente, não me pareceu que a perspectiva da disciplina era introduzir discussões sobre inclusão dos alunos com surdez em classes inclusivas, muito pelo contrário acabamos falando mais sobre as classes especiais e as escolas voltadas para o ensino de libras. Durante a graduação, eu encontrei a oferta de uma disciplina optativa voltada para inclusão, que apesar do foco teórico foi bem interessante e possibilitou a troca de experiência com colegas que já atuavam em sala de aula, com alunos que tinham dificuldades de aprendizagem. Respondendo a tua pergunta, acredito que as formações acadêmicas, as licenciaturas tinham que ser repensadas, né? Como falei, o estudo sobre crianças com deficiências foi muito superficial e não condiz com a realidade da sala de aula. Eu mesma, aprendi mais na minha prática, nos projetos do que dentro do curso de graduação. Tá bem que tem muita leitura, conheci muitos teóricos, foi muito bom. Mas se formos falar sobre conhecimento adquirido de como trabalhar com crianças com deficiências intelectuais, foi muito precário.

Durante nossa conversa explanei que na minha graduação, pincelamos as deficiências, que as abordagens aconteceram de forma teórica sem nenhuma prática. Na minha especialização em Psicopedagogia fiz estágio na rede pública, em classe especial, numa turma com múltiplas dificuldades, e que não sabiam ler, não reconheciam letras, sons nem números. Mas não tinham nenhuma comprovação do porquê tanta defasagem, pois não tinham nenhum acompanhamento psicológico.

Ninguém sabia ao certo que deficiência cada criança tinha e, se realmente tinha ou se eram problemas de aprendizagens oriundos ou da condição de vida ou por causa do processo de ensinagem até ali, visto que eram crianças de terceiro ano com treze, catorze anos. As professoras não sabiam como ajudar essas crianças, não sabiam como tentar desenvolver a aprendizagem nelas e estavam rotulados e marginalizados. Nesse encontro analisamos nossa formação acadêmica e constatamos que foi superficial, proporcionando-nos pouco conhecimento sobre a educação inclusiva e o quanto é preciso investirmos na formação continuada, para que possamos fazer a diferença na nossa prática docente.

3.1.4 Quarto encontro: Análise do planejamento

O quarto encontro realizado entre a pesquisadora participante PP e a professora alfabetizadora PA, aconteceu de forma on-line, via Google meet, com duração de uma hora e meia, no dia 24 de novembro. Espelhamos o planejamento construído pela professora, na tela do computador e fomos conversando (o planejamento era uma atividade de interpretação de texto com questões interpretativas). Perguntei a PA como ela enxergava seu aluno realizando as atividades propostas e ela respondeu que aquele planejamento trazia atividades de leitura, com conteúdo básicos, conforme pedia a BNCC, para a alfabetização. Falou das dificuldades do aluno que era de não conseguir desenvolver a leitura. Perguntei ainda: se ele não desenvolve a leitura, qual a finalidade de dar um texto interpretativo? Será que com a leitura e interpretação proposta ele sairia lendo? Ela respondeu que não via como *“planejar para ele”*. Conversamos e chegamos a um consenso de que o planejamento pensado não estimulava a leitura e sim o cumprimento de uma tarefa, continuando a ser um aluno copista e não alfabetizado. Planejamos então, atividades de reconhecimento de som das sílabas, fazendo a junção das palavras, de reconhecimento de sons e símbolos, de leitura de imagens e provocá-lo a escrever em seu caderno fazendo a união de som, reconhecimento de códigos e símbolos, para a partir disso fazer a escrita usando a fala, audição, atenção, o ritmo e a visão para o estímulo da alfabetização. Entendemos que as adaptações curriculares para ele, deveriam ter uma abordagem que desenvolvesse a consciência fonológica, o som das palavras. Portanto, construímos um planejamento voltado para a iniciação da alfabetização, com famílias silábicas, o que a pesquisadora participante organizou e finalizou posteriormente.

Tendo coletado os dados através dos encontros, da entrevista semiestruturada e das observações da pesquisadora, elementos que permitiram o juntar elementos para buscar uma possível resposta ao meu problema de pesquisa, passei para a análise a qual apresento no capítulo seguinte

4 - ANALISANDO OS DADOS

Sendo os dados coletados através de conversas e questionário, essa pesquisa se distribuiu em três categorias, que emergiram das análises, sendo elas: Saberes docentes- Formação e prática inclusiva; As interfaces do coordenador pedagógico; (Re)planejar para lidar com dificuldades de aprendizagem. As quais apresento a seguir.

4.1 Saberes Docentes: Formação e prática inclusiva

A primeira categoria vem embasada na fala de Freire (1997, p. 155), que nos diz que: “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhado, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”,

Nessa lógica, nenhum professor se torna professor sem ter tido a colaboração de outros professores, através de relacionamentos, da interação, do trabalho e das trocas realizadas entre uns e outros. O que nos “forma” professores é o querer fazer, é o buscar, é encontrar novos caminhos dentro de nós, para, a partir desse processo, aprimorar o nosso fazer pedagógico.

Nesta seção visamos mostrar o caminho percorrido pela professora, desde suas vivências da infância até a formação acadêmica: o que motivou a docência, influências que teve nesta caminhada e visão do preparo que teve durante a graduação. Estamos sempre na condição de aprendentes e para falar sobre os caminhos para o magistério é preciso pensar que o professor de hoje foi o aluno de ontem, que não há docência sem discência. De acordo com Maurice Tardif (2017, p. 232)

[...] a subjetividade dos professores não se limita à cognição ou às representações mentais, mas engloba a história de vida dos professores, sua afetividade e sua emoção, suas crenças e valores pessoais que ele aborda em sua prática e a organiza a partir de suas vivências e de seus valores. Ele utiliza de suas vivências, encantos e dificuldades para chegar até o ofício de ensinar

Nem toda criança que vai para escola tem o sonho de ser professor e nós, como professores, temos o poder de marcar positiva ou negativamente uma criança, ajudando-a a construir conceitos, relações tanto na aprendizagem acadêmica como nas relações sociais, não se sabe quem vai querer ser professor, médico, youtuber ou qualquer outra profissão o que sabemos é que antes de exercer qualquer ofício ele vai aprender que a boniteza de aprender está nas mãos daquele que vem para ensinar. Perguntei a **PA** se teve influência de algum professor ao longo de sua vida estudantil, ela relatou que na alfabetização teve uma professora que acreditou, lutou e fez com que as dificuldades de fala e de timidez se transformassem em sonhos:

Eu entrei na escola com muita vontade de aprender, muita vontade! Eu lembro que eu tinha uma curiosidade imensa. E eu tive uma professora alfabetizadora que foi incrível! Sabe, ela me dizia que via em mim muita ânsia de aprender. E ela depositou isso em mim. Ela me ensinou a sonhar. Durante a minha graduação, eu não almejava ir para o campo da docência, fui influenciada sim por uma professora que me mostrou como a educação é maravilhosa (PA, 1º encontro 23/12/2020).

Perguntei a PA o motivo da escolha pela docência a professora disse que num primeiro momento não almejava o ofício da docência, mas que ao longo de sua trajetória acadêmica foi se apaixonando pela arte de ensinar, conforme relato:

Minha ideia era trabalhar em escola, mas não ser professora. As reflexões que tive durante a graduação e as experiências obtidas durante os estágios de gestão escolar (no sétimo semestre) e depois de docência (no nono semestre) ampliaram meu olhar sobre a identidade docente e me aproximaram ainda mais da ideia de trabalhar dentro do âmbito escolar, ainda que por boa parte do tempo de formação, eu tivesse a pretensão de seguir carreira na psicopedagogia clínica e não atuar em sala de aula. Mas devido a essa trajetória que eu tive sobre os “bons mestres” que marcaram a minha caminhada enquanto discente e no decorrer da graduação a minha visão sobre a importância de uma educação de qualidade, ancorada na busca de um mundo mais justo e com mais equidade foi ampliando cada vez mais minha percepção do que é ser professora ou professor – de seu papel social e político, a beleza de ensinar, pois como professores, educamos, transmitimos conhecimentos e aprendemos todos os dias (PA, 23/09/20, 1º encontro).

Nesta fala, percebe-se que os saberes dos professores que influenciaram a **PA** foram além dos saberes acadêmicos de conhecimentos formais, foram saberes de acolhida, de conhecimento do aluno. Para “ensinar” é preciso conhecer os alunos, sua história, sua vivência e em cima disso construir estratégias de ensinagem que contemplem as necessidades do aluno, saberes que não adquirimos na faculdade.

Perguntei a PA como foi seu preparo acadêmico voltado para a educação inclusiva, ela respondeu dizendo que foi muito superficial e, que não lhe deu o conhecimento mínimo necessário, para uma prática docente de educação inclusiva.

Gostaria que tivesse sido mais amplo. No curso de Pedagogia, eu tive apenas uma disciplina obrigatória sobre inclusão, que por acaso tinha o objetivo de abranger de forma teórica todas as dificuldades e déficits de aprendizagens. Sendo assim, considero que foi uma disciplina aligeirada e que nos deixou com uma visão muito superficial sobre como seria possível um trabalho voltado para inclusão em sala de aula (PA 19/12/2020,3º encontro).

A **PA** colocou que durante o curso de pedagogia, na UFPEL Ihe foi ofertada a disciplina obrigatória de LIBRAS que tinha como foco aproximar as futuras professoras da língua de sinais e de contextualização histórica no Brasil. O que seria para que a turma falasse sobre a inclusão dos alunos com surdez em classes inclusivas, pelo contrário acabaram falando mais sobre as classes especiais e as escolas voltadas para o ensino de libras (grifos meus). Visando aprimorar seus saberes PA foi buscar saber um pouco mais sobre a educação inclusiva, conforme colocou no terceiro encontro (19/10/2020) dizendo que cursou uma disciplina optativa voltada para inclusão de alunos com Síndrome de Down, porque queria ter um preparo melhor. Diante do exposto, percebe-se que a graduação não proporcionou uma “formação” acadêmica que desse um suporte teórico para educação inclusiva que embasasse a professora na ação docente voltada para as diferentes formas de aprendizagens que o professor encontraria após a conclusão da graduação.

Além disso, a fala da PA mostra que precisamos refletir sobre o compromisso que temos e a responsabilidade ética de aprimorar nossa prática docente, de vislumbrar o crescimento cognitivo e sócio emocional de nossos estudantes. Reforçando que prática docente vai além da formação acadêmica em que os formandos estudam teorias da educação, com grades curriculares prontas, como se a prática docente fosse como uma receita de bolo em que se colocam os ingredientes passo a passo. A prática acontece no dia a dia, na sala de aula, nos relacionamentos, nas vivências com diferentes realidades de vida, nos enfrentamentos na subjetividade de cada aluno. Por isso, o professor não pode ser visto como aplicador de conhecimentos acadêmicos e sim como um colaborador na construção de uma educação de qualidade, através de uma educação libertadora. Parafraseando Paulo Freire (2006), a educação deve ser libertadora, que leve o aluno a pensar, desenvolver a autonomia, o senso crítico dos alunos, indiferente de etnia, o gênero, a classe social ou deficiência. Dessa forma, é fundamental que as políticas públicas pensem na formação, na qualificação e formação continuada, bem como remuneração profissional docente e reconhecimento.

4.2 As Interfaces da atuação do coordenador pedagógico

A segunda categoria relata que esta pesquisa foi pensada por uma professora, pedagoga que estava no momento como coordenadora pedagógica e sendo a pesquisadora participante, propôs uma reflexão sobre o papel do coordenador, para além do trabalho pedagógico. Qual é o papel do coordenador pedagógico no estímulo do professor frente a seus desafios e dificuldades na atualidade? Que tipos de ações ele pode criar enquanto estímulo de gestão dos processos de aprendizagens?

Para tentar responder os questionamentos acima é importante destacar que ao longo da história da educação no Brasil não havia antes dos anos 80 um coordenador pedagógico e sim um supervisor que tinha como função fiscalizar, inspecionar e verificar se as propostas que envolviam os aspectos administrativos e políticos de cada época estavam coerentes com a proposta educativa que era elaborada pelo MEC. Não havia a participação de professores e gestores na construção do planejamento pedagógico não era um processo democrático.

A função da coordenação pedagógica passa a acontecer com a LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ,9394/96 que atribui, ao coordenador o papel de colaborador para uma gestão participativa e democrática em que os professores fossem ouvidos, amparados e atuantes no processo pedagógico da escola, organizando e orientando o trabalho pedagógico .Atualmente o MEC disponibiliza e reconhece Cursos de Pós - Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica, voltados para a formação continuada e pós-graduada de profissionais que atuam em equipes de gestão pedagógica em escolas públicas de educação básica .

De acordo com Nóvoa (1995), a formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas sim de fazer um trabalho de refletividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Quero dizer com isso que o coordenador tem que articular os saberes pedagógicos, ter uma atuação participativa e atuante na gestão escolar, ter a consciência de que ele também é um professor, que ele sabe os desafios diários de uma sala de aula sabe da desvalorização da classe docente e cabe a ele ser muito mais que um articulador pedagógico. Ele deve ser mão que acolhe, ouvido que escuta e voz que levanta a confiança, a autoestima, que estimula e apoia o colega sem ter que apontar erros e sim, buscar um caminho para a solução.

Ao longo das entrevistas, em diversos momentos, PA colocou sobre a importância dessa confiança entre professor e coordenador pedagógico. No primeiro encontro por solicitação da PA, alguns trechos das nossas conversas não foram citados, devido ser de cunho pessoal, o que demonstrou a confiança envolvendo as

duas professoras e a necessidade de escuta da PP em relação às dificuldades encontradas pela PA, para além do pedagógico. Dessa forma reforçamos Tardif (2011) que diz que o professor não se reduz à cognição ou vivência pessoal, que eles não são somente representações cognitivas, mas possuem também dimensões afetivas, normativas e existenciais, dessa forma cabe ao coordenador ter amorosidade com seu grupo docente, pois eles também são líderes das suas turmas, são influências, estimuladores de aprendizagem e de afetividade, logo o coordenador tem que ter esse olhar diferenciado para as demandas dos professores e dar-lhes o suporte necessário tanto para saberes técnicos como suporte emocional. Ao final de uma conversa PA desabafa:

Sabe Mari, essa nossa entrevista foi muito boa pra mim. Revisitei meu passado, o que foi muito bom porque hoje estou esgotada, mas as coisas nunca foram fáceis pra mim! Antes de iniciar nossa entrevista eu estava pensando que não sei se vou dar conta de tudo. Não sei como motivar meus alunos através do computador. Mari, tenho alunos, tu sabes, que não têm internet, não têm um computador, alguns são acompanhados pelos avós, tadinhos! Faço de tudo para motivar, estimular, fazer com que interajam, mas está muito difícil. Minha coordenadora me apoia o tempo inteiro (risos kkkk), conversa comigo, me dá acompanhamento, e dá ideia, mas o problema está em mim. (PA,23/10/2020,1º encontro)

Nessa fala, percebe-se que as dificuldades docentes vão além dos saberes pedagógicos, elas se estendem nas dificuldades das aulas remotas em tempo de pandemia, do acompanhamento dos alunos e das dificuldades encontradas pelas famílias em poder disponibilizar melhores condições de acesso à internet, visto que estamos em aulas remotas. O que leva ainda mais ao desgaste físico e emocional do professor. Nessa situação fica claro que a ação do coordenador vai além de promover melhorias nas práticas educacionais, de acompanhar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, essa figura auxilia nas conexões entre todos os envolvidos no meio escolar. Este suporte para além das dificuldades encontradas no desenvolvimento do processo pedagógico, deve dar um suporte emocional para que o professor mantenha sua saúde mental e física.

O coordenador pedagógico necessita estar atentos às dificuldades encontradas pelos professores tanto no processo de ensinagem como no processo de aprendizagem e em cima desses saberes promover formações continuadas, rodas de conversas, troca de saberes, momentos de fala, de escuta e de descontração promovendo um ambiente acolhedor e motivacional dando as mãos e refazendo o caminho docente, nenhum professor se torna professor sem ter tido a colaboração de outros professores, através de relacionamentos, da interação, do trabalho e das trocas realizadas entre uns e outros. Essa pesquisa ajudou-me a refletir sobre o meu fazer pedagógico, na função

como coordenadora pedagógica, na articulação dos processos educacionais da escola e na busca constante de formação continuada.

4.3 (Re) Planejar para desenvolver aprendizagens

Nessa terceira e última categoria trago os autores que corroboram neste pensamento, como MENEGOLLA, SANT'ANNA que nos diz que “Planejar é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e como avaliar o que se pretende atingir.” (2002, p.21) Nessa perspectiva a equipe pedagógica de uma escola deve ter como objeto organizar, planejar todo o processo a fim de mediar o conhecimento dos alunos e o conhecimento formal de forma sistematizada possibilitando o processo científico. A proposta metodológica e toda a organização escolar é realizada pela equipe pedagógica que constrói o Regimento Escolar – RE- documento político e pedagógico norteador da escola. Ele embasa o Plano de curso ou Plano de estudos que é um instrumento indispensável para a organização do trabalho pedagógico da escola. O plano de estudos é elaborado por todos os professores e coordenação pedagógica e contempla os conteúdos curriculares que precisam ser desenvolvidos a cada trimestre, (no caso da nossa escola), de cada segmento e disciplina com objetivos atitudinais, procedimentais e habilidades a serem desenvolvidas. De acordo com Fusari (1995, p.45)

[...]o planejamento caracteriza-se pela reflexão contínua sobre a práxis pedagógica. O planejamento de aula é o instrumento diário do trabalho docente, ele articula a ação, a reflexão num caráter coletivo, pensado no grupo, na classe. O planejamento de aula é a organização de cada professor ao longo de suas aulas, organizado e direcionado dentro de sua disciplina, ele é um documento que registra conteúdos e registros das decisões que subsidiam as ações do professor.

Sendo assim, o professor deve ter a consciência de que nem todos os seus alunos aprendem e entendem da mesma forma. Por isso, ao planejar, o professor deve conhecer seus alunos, deve articular o saber escolar com as condições do aluno de tal forma que possa garantir a apropriação dos conhecimentos propostos no plano de estudos. Para promover uma educação inclusiva é preciso que o professor elabore um planejamento individual que contemple as necessidades e os interesses do aluno, que tenha uma proposta avaliativa contínua e colaborativa valorizando os diferentes saberes e as diferentes maneiras de aprender. Para que a aprendizagem aconteça de forma a contemplar cada aluno é necessário que o professor elabore um PI – Planejamento Individual. Para construir um PI, o professor tem que conhecer seus

alunos, saber de suas necessidades e desenvolver uma metodologia que proporcione o entendimento e aquisição de saberes. O professor devera planejar diferentes formas de abordagens com o mesmo conteúdo apresentado para toda turma, pois todos têm que receber a mesma proposta, porém com as adaptações necessárias para as suas necessidades específicas. Uma criança dentro de uma sala de aula e que não se sinta parte dela, não se sinta parte do grupo se dispersa, perde o interesse, se desmotiva e, por vezes, vai para o “mundo da lua” e, conseqüentemente não desenvolve as aprendizagens. Fernandez (2001, p. 9) nos diz que:

Se um aluno está no mundo da lua, o problema do professor será o de como trazer a lua ao mundo da criança, já que, se quiser expulsar a lua da aula, expulsará também o aprendente que há em seu aluno. Por outro lado, essas luas costumam estar habitadas pelas situações mais dolorosas da vida das crianças.

Nesse contexto trago a importância do planejamento individual. Se quisermos que a educação inclusiva aconteça em nossas turmas é preciso pensar e agir em prol dela, é no planejamento individual que o professor deve proporcionar diferentes metodologias para contemplar as necessidades específicas de seus alunos. Mas será que o professor aprendeu a construir um planejamento individual durante sua formação acadêmica? Para procurar saber sobre isso a pesquisadora participante perguntou à PA se durante sua formação acadêmica aprendeu a fazer planejamento individual para alunos com necessidades educacionais específicas. Foi respondido que:

Sempre tive as orientações de que a gente deveria fazer planos adaptados quando necessário, tá? Sempre partindo da premissa de que deveria ser o mesmo tipo, seguir as mesmas atividades, mas adaptar quando a gente percebesse que um aluno não ia conseguir realizar “certas tarefas” assim, sabe? Mas não sair do mesmo tema. Se era uma atividade matemática que os outros estavam fazendo também, deveríamos adaptar as atividades para a realidade do aluno. (PA, 29/09/2020, segundo encontro)

PA relata ainda que o planejamento de aula foi cobrado ao longo do estágio, com dicas de adaptações nas atividades para alunos que não conseguissem realizar as atividades planejadas para todos. O que nos mostra que a educação inclusiva foi pouco abordada durante a formação acadêmica da professora alfabetizadora e que ela teve que aprimorar seus conhecimentos acerca das adaptações nas atividades para que seus alunos com deficiência intelectual tivessem oportunidade de realizar as “atividades propostas” o que gera uma falsa inclusão já que o propósito da educação inclusiva é garantir os direitos de todos, acordados na Declaração Universal dos Direitos humano, aprovada pela ONU em 1948, que assegura dentre outros, o direito de uma educação igual para todos. Se a inclusão escolar prima pela valorização e o reconhecimento das diferenças, visando o desenvolvimento das habilidades e competências de cada

um, é na formação de professores que ela deve ser bem trabalhada. É na formação acadêmica que os saberes específicos dos professores como ferramenta de trabalho devem ser bem fundamentados e desenvolvidos, para combater a segregação, o preconceito buscando o reconhecimento e a valorização das diferenças através da ênfase nas competências, capacidades e potencialidades assegurando igualdade de oportunidades promovendo assim, uma educação inclusiva de fato.

A Pesquisadora como participante, também não teve em sua graduação preparo para a educação inclusiva. Embora tivesse uma cadeira direcionada para a educação especial, foram realizados pequenos debates com abordagens voltadas para os direitos da educação especial, mas em nenhum momento teve orientações acerca de construir planejamentos pedagógicos, muito menos planejamentos individuais que contemplassem as diferentes formas de aprendizagens. Podemos analisar nesta categoria que a formação acadêmica voltada para a educação inclusiva não proporcionou saberes fundamentais para um planejamento inclusivo o que pode ter contribuído para as dificuldades dos professores em construir planejamento individual para os alunos com necessidades educacionais específicas. A organização dos conteúdos programáticos que serão desenvolvidos em cada disciplina e turmas da escola, são organizados pelos professores e coordenação pedagógica, embasados pela BNCC, dentro de um planejamento anual. É o planejamento anual quem determina todos os conteúdos, avaliações, distribuição em trimestres e projetos que serão aplicados ao longo do ano letivo, de forma geral. É embasado nele que os professores desenvolvem seu trabalho pedagógico. A escola organiza todos os planejamentos de estudos de forma globalizada e cabe ao professor construir o seu planejamento de aula diário e nele fazer as adaptações curriculares necessárias, para os alunos com deficiência ou transtornos de aprendizagem, fazendo com que todos os alunos aprendam juntos. É o professor, especialista em sua área quem deverá rever sua metodologia de modo que não haja nenhuma exclusão dentro de sua sala de aula. Planejar os conteúdos programáticos, fazer adaptações curriculares de tal forma que contemple todas as crianças e formas de aprendizagem. Para alunos com necessidades específicas, não basta fazer uma adaptação na explicação planejada para a turma como um todo, é preciso que o professor conheça cada aluno, quais suas necessidades e suas potencialidades e em cima construir um planejamento de aula com adaptações curriculares que contemple as necessidades evidenciadas. Quando falamos em inclusão, temos que pensar que todos podem aprender: alunos com ou sem deficiências, todos aprendem juntos, porém com abordagens e necessidades

diferentes. Para construir um planejamento individual, o professor deve ter em mãos o plano de estudos anual, pois nele vêm divididos todos os conteúdos curriculares, distribuídos por disciplinas com os objetivos atitudinais e procedimentais de cada segmento.

Na perspectiva de auxiliar os professores a construírem planejamentos para alunos com problemas de aprendizagem, trago a proposta de produto um guia de orientações para construção de um e uma oficina criativa com adaptações de atividades pedagógicas, como ferramenta de trabalho para o professor. A idealização dessa oficina era para aulas presenciais, com interação aluno e professor com aplicabilidade interativa. Porém, devido à pandemia não foi possível a aplicabilidade da oficina. Para a realização desta oficina a professora (PA) precisou desenvolver um planejamento de aula, para a turma do 2º ano, do turno da tarde, composta por dezessete alunos, da Escola Recanto, no ano de 2020, momento em que estávamos em aulas on-line, devido à Pandemia do Covid-19. Dos dezessete estudantes desta turma, somente um não conseguiu desenvolver os estudos de forma remota. Todos recebiam os planejamentos com antecedência, via agenda Google e WhatsApp. Para construir um planejamento individual com adaptações curriculares o professor precisa conhecer o aluno, suas potencialidades, dificuldades, gostos, rotinas, bagagem cultural e cognitiva, conhecer o tempo em que o aluno consegue se concentrar numa atividade, com qual frequência deve ser retomado o objeto de ensino, qual a melhor maneira de avaliar aprendizagens e em cima disso criar estratégias de ensino. Pré-requisitos que não foram trabalhados na graduação da professora alfabetizadora nem na graduação da pesquisadora. Antes de chegarmos ao produto dessa dissertação é preciso conhecer um pouco mais sobre os alunos com dificuldades de aprendizagem. Geralmente, é no início da alfabetização que as crianças começam a demonstrar dificuldades no desenvolvimento da aprendizagem e na aquisição de uma ou mais capacidades e quem percebe é o professor. De acordo com (Brasil,2018)

Dificuldades de aprendizagem referem-se a algum prejuízo, atraso e/ou desordem na apreensão de comandos e informações em geral, as quais podem ter as suas origens em fatores diversos e podem estar ligadas a certos comprometimentos no cérebro, mas não têm todas as suas origens na ordem biológica. Dificuldades de aprendizagem precisam de intervenção na sala de aula e o quanto antes ocorrerem a detecção e a atuação do profissional docente, menores serão as lacunas e os efeitos resultantes disso. Em alguns casos, suas origens podem advir de conflitos pessoais, culturais e sociais. Vale ressaltar que ter dificuldade de aprender não significa que o aluno não aprenda, pois todas as pessoas são capazes de aprender (BRASIL, 2018, s.p).

Entendemos que a ação docente deve ser reflexiva com vistas a buscar diferentes ferramentas, que possam propiciar o desenvolvimento das aprendizagens.

5. CONSTRUINDO PLANEJAMENTO

No encontro realizado entre a pesquisadora participante PP e a professora alfabetizadora PA, que aconteceu de forma on-line, via google Meet, com duração de uma hora e meia, espelhamos o planejamento de aula na tela do computador e fomos conversando. Perguntei a PA como ela enxergava seu aluno realizando as atividades propostas que respondeu que aquele planejamento trazia atividades de leitura, com conteúdo básicos, conforme pedia a BNCC, para a alfabetização. Falou das dificuldades do estudante em se apropriar da leitura. Perguntei ainda, se ele não desenvolve a leitura, qual seria a finalidade de dar um texto interpretativo? Será que com a leitura e interpretação proposta ele sairia lendo? Ela respondeu que não via como “*planejar para ele*”. Conversamos e chegamos a um consenso de que o planejamento pensado não estimulava a leitura e sim o cumprimento de uma tarefa, continuando a ser um aluno copista e não alfabetizado. Organizamos uma proposta de planejamento, embasado nos modelos usados pela escola. Como o estudante já tinha dificuldades de leitura, optamos por construir um planejamento que não tivesse uso das tecnologias e sim com material impresso, o qual a família buscaria na escola e acompanharia durante as aulas remotas, assim como fez com todas as atividades propostas.

Guia para construção de um Planejamento Individual.

Público-alvo: Para quem vou planejar? Quais as dificuldades evidenciadas?

Conteúdo: O que vou ensinar? Conteúdos curriculares

Objetivos: O que quero que meu aluno aprenda?

Competências: Quais habilidades preciso ajudar meu aluno a desenvolver?

Como vou aplicar? Adaptação curricular. No início de cada proposta de atividades é preciso retomar, relembrar “amarrar” saberes prévios sobre os temas abordados em cada atividade. A aprendizagem deve ser contínua, ela não é uma “coisa” que se aprende hoje e amanhã passamos para outra. Ela é contínua

Como vou avaliar? Análise qualitativa e contínua de conhecimento.

Tempo de aplicação?

A partir dessas observações construímos um planejamento com atividades direcionadas de reconhecimento de sons e símbolos, de leitura de imagens com intenção de provocá-lo a escrever, após a identificação e articulação de sons e letra, a escrever em seu caderno fazendo a união de som e reconhecimento de códigos e símbolos, para a partir disso fazer a escrita usando a fala, audição, atenção, ritmo e a visão para o estímulo da alfabetização. Entendemos que as adaptações curriculares para ele, deveriam ter uma abordagem que desenvolvesse a consciência fonológica, a apropriação dos sons e letras e a partir disso, a escrita.

Devido a pandemia não conseguimos fazer a aplicação individual com o estudante. A professora aplicou junto da turma e percebeu que o estudante teve avanços significativos no desenvolvimento da consciência fonológica, desenvolvendo a leitura com mais fluidez. Além disso, sentiu-se mais segura na construção de novos planejamentos individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo essa pesquisa participante e, tendo como objetivo analisar como foi o preparo acadêmico da professora de educação básica, na construção de planejamento individual para alunos com dificuldades de aprendizagem, busquei compreender como os docentes procuram assegurar as aprendizagens para alunos com diferentes formas de aprendizagem a planejam para esses alunos, ela me proporcionou compreender um pouco mais sobre a importância de estar em busca constante pelo conhecimento, voltada para a educação, como nos diz FERNANDEZ (2001, p.54): “Um sujeito constitui-se como autor (processo que é contínuo, nunca acabado e iniciado inclusive antes do nascimento) a partir de modalidades entre seus posicionamentos de ensinante e aprendente”. Mostrou ainda que para que a educação inclusiva realmente aconteça, não basta somente a implantação de leis educacionais. É preciso que os cursos de graduação proporcionem uma melhor formação acadêmica e não só em teorias educacionais, como foi mostrado ao longo da dissertação. Entendemos que é importante conhecer as diferentes vertentes pedagógicas, mas é preciso que as graduações propiciem uma carga horária maior para a prática em salas de aula, que os estágios probatórios sejam voltados para a prática em diferentes realidades. Que as cadeiras de educação inclusiva abram o leque das diferentes formas de aprendizagens, para que o futuro professor tenha mais preparo para o trabalho docente. Como bem constatamos nessa pesquisa, pouco foi falado sobre as diferentes formas de aprender tanto na formação da Professora Participante quanto na formação da Professora Alfabetizadora. Dessa forma, os docentes recém-formados se deparam com uma realidade muito diferente da apresentada na formação e inconscientemente a inclusão passa a ser uma pseudo inclusão. Não queremos dizer com isso, que os professores não queiram incluir, queremos dizer que não se tem conhecimentos suficientes para fazer com que a educação inclusiva realmente aconteça. Aprendemos também, como bem nos diz Libâneo (1994, p. 222) que o planejamento tem grande importância por ser um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Ademais é uma ferramenta de trabalho do professor, um meio para tentar buscar o desenvolvimento das aprendizagens. O planejamento individual representa um processo democrático para o desenvolvimento das aprendizagens, é através dele que se pode ter uma rotina de estudos que abra um leque de possibilidades para o aprender nas suas diferentes formas. Sendo a escola responsável pelo aluno que nela está matriculado, cabe à

equipe pedagógica proporcionar diferentes momentos formativos voltados para a educação inclusiva propiciando formação continuada ao corpo docente e que busque constantemente dar o suporte necessário aos professores frente às demandas de dificuldades de aprendizagem na sala de aula. Como professores e profissionais da educação precisamos promover uma educação e receber uma educação de qualidade. Não podemos viver num mundo de faz de conta. Não podemos fingir que aprendemos nem tão pouco fingir que ensinamos, somos professores e precisamos ter uma constante prática reflexiva e atuante no nosso fazer pedagógico. Não basta estar na escola é preciso aprender e para que essa aprendizagem aconteça o professor deve estimular, desenvolver a confiança em seus alunos, não exaltar os erros de forma negativa e sim potencializar seus avanços. Sabemos que a educação é o que faz a diferença no futuro de todos. É através dela que a sociedade deve se tornar mais justa e igual para todos, como nos diz Mantoan (2011). No entanto é importante refletir sobre a formação acadêmica dos professores. Iniciei essa pesquisa com a intencionalidade de investigar, analisar as dificuldades dos professores em promover uma educação inclusiva de qualidade, quais as dificuldades docentes em construir um planejamento inclusivo. Ao final desse trabalho faço uma leitura ao contrário. Como um professor formado em um sistema educacional que caminha a passos muito lentos para uma educação de qualidade pode não ter dificuldades em promover uma educação inclusiva? Como um professor pode construir um planejamento inclusivo visto que sai da faculdade e não tem conhecimentos específicos sobre diferentes formas de aprender? Como pode um professor se debruçar e construir adaptações pedagógicas num planejamento inclusivo, visto que tem uma turma inteira com diferentes formas de aprendizagens. Como pode um professor, dentro de sua carga horária com o salário que ganha estar em constante aperfeiçoamento de seus saberes?

Através dessa pesquisa percebi o quanto a educação precisa, urgentemente avançar na perspectiva de que todos aprendam, que todos tenham as mesmas oportunidades e o quanto somos todos responsáveis por essa transformação. Entendi que, enquanto gestores (minha função nesse momento), precisamos buscar, incentivar, promover diferentes momentos de aprendizagens ao grupo docente e a toda a gestão. Falam tanto em aprendizagem significativa, em desenvolvimento das habilidades e competências, de uso das tecnologias (Tics) como ferramenta de aprendizagem, quando na realidade precisamos também de formação docente com qualidade, respeito e valorização dos profissionais da educação. Vivemos num mundo que busca por transformação e só a educação fará essa mudança, mas não podemos ficar mediando saberes se continuarmos fazendo mais do mesmo que vivenciamos na escola. Para

isso, buscamos contribuir com essa mudança, trazendo como produto dessa pesquisa um guia de orientações para a construção de um planejamento inclusivo e uma oficina criativa com adaptações de atividades pedagógicas, como ferramenta para o trabalho docente, voltado para alunos com dificuldades na alfabetização, que poderão servir como fonte de inspiração e criação de outros professores.

REFERÊNCIAS

BONI, V. QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. Revista eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 Nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante. 8ª edição. São Paulo. Brasiliense. 2001.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica. Ministério da Educação. 2000.

BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei nº 13146. 2015.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 4064/1961.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/1996.

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Ministério da Educação. 2014.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Ministério da Educação. 2008

BRASIL. Ministério da Educação. (Re)planejar para lidar com dificuldades de aprendizagem identificadas nos alunos. 2018. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-depraticas/aprofundamentos/197-re-planejar-para-lidar-com-dificuldades-de-aprendizagemidentificadas-nos-alunos>. Acesso em 18/10/2022.

DSM. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

FERNANDÉZ, Alicia. Os idiomas do aprendente. Porto Alegre. Artmed. 2001.

FREIRE, P. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GARRIDO, S. G. Um panorama sobre a educação inclusiva no Brasil – uma política de atendimento educacional ou uma mera prestação de serviços? 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. 2015.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª Edição. São Paulo: ATLAS. 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo:Cortez,1994, Série formação de professor.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar, o que é? por quê? como fazer? Ed. São Paulo,2003

MANTOAN, M. T. E. O desafio das diferenças nas escolas, 4ª Edição. Ed Vozes 2011.

MANTOAN, M. T. E. Por uma Escola (de Qualidade) para todos. MANTOAN, M. T. E. (org.). Pensando e fazendo educação de qualidade. São Paulo: Editora Moderna, 2006

NOVOA, A. Os professores e sua formação. Lisboa/Portugal: Dom Quixote, 1995

NÓVOA, A (1991). "Os professores - Quem são? Donde vêm? Para onde vão?" In: Stoer, S. (org.). Educação, Ciências Sociais e realidade portuguesa: uma abordagem pluridisciplinar. Porto, Afrontamento.

SOARES, MAGDA. Alfaetrar: Toda criança pode aprender a ler e escrever- 1ª ed,2ª reimpressão – São Paulo,2021.

TARDIF, MAURICE. Saberes docentes e formação profissional. Ed Vozes. 17º Edição. 2017.

APÊNDICES

Apêndice - 1 - Autorização para realização da pesquisa.



À diretora da escola.

Eu, Marilei Moraes da Silva, professora e coordenadora pedagógica desta entidade de ensino e mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências e Tecnologias da Educação – IfSul CAVG, na linha: Formação de Professores, sob a orientação da professora Dr^a Angelita Hentges, venho, por meio deste, solicitar autorização para realizar na Escola Recanto, a pesquisa que se constituirá na dissertação do meu mestrado. A referida pesquisa terá como foco investigativo “Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na alfabetização” tendo como objetivo analisar as dificuldades dos professores sobre os processos de aprendizagens de estudantes com necessidades educacionais específicas, visando proporcionar uma ação reflexiva sobre a prática docente e a educação inclusiva. O sujeito da pesquisa será a professora de alfabetização que participará de entrevistas e encontros virtuais, conforme a disponibilidade de horários.

Desde já agradeço.

Marilei Moraes da Silva

Pelotas, setembro de 2019

Apêndice -2 - Termos de autorização de uso da imagem



Eu _____, brasileiro (a), professor(a) , portador de cédula de identidade RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente na rua _____ nº _____, Pelotas-RS, AUTORIZO o uso de imagem, quanto a fotos e vídeos relacionados à pesquisa desenvolvida para o Programa de Pós Graduação em Ciências e Tecnologias da Educação – IFSUL CAVG, Pelotas- RS, da pesquisadora Marilei Moraes da Silva

A presente autorização concedida abrange o uso da imagem acima mencionada, das seguintes formas:

- (I) Artigos em revistas científicas;
- (II) Apresentação em congresso (pôster ou oral);
- (III) Dissertação e palestras.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Pelotas, _____ de 2020.

Assinatura



Projeto de Pesquisa: Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na alfabetização

Pesquisador responsável: Marilei Moraes da Silva

Orientadora: Angelita Hentges

1º encontro- 23/09/2020 - via Google meet - Período: 50 minutos

Apresentação da proposta de produto

Entrevista

- a) Qual tua formação? Há quanto tempo lecionas?
- b) Por que escolheste ser professor?
- c) O que te motivou para essa escolha?
- d) Como foi teu preparo acadêmico voltado para a inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas? Aprendeste a fazer um (PI) planejamento individual?
- e) Como foi teu primeiro contato com alunos da educação inclusiva em sala de aula?

Apêndice 4 - Questionário



Projeto de Pesquisa: Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na alfabetização

Pesquisador responsável: Marilei Moraes da Silva

Orientadora: Angelita Hentges

Questionário -enviado por e-mail - 23/09/2020

1) Quanto à prática pedagógica e levando em conta a tua experiência com alunos com necessidades específicas de aprendizagem, marca nos itens abaixo, quantas opções estiverem de acordo com a tua realidade.

a) Tenho buscado novas estratégias para garantir que as aprendizagens aconteçam.

b) Sinto-me desafiado e instigado a todo o momento para garantir que os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, construam o conhecimento de forma significativa. Planejo a mesma aula para todos, a fim de garantir que todos tenham acesso ao mesmo material.

c) Não me sinto preparado pedagogicamente para um trabalho pedagógico com alunos com necessidades específicas.

d) Realizo um trabalho para garantir apenas a interação, pois o aluno não acompanha os conteúdos daquele ano.

2) Em relação a alunos com deficiências e/ou necessidades específicas, qual a tua opinião?

a) Não me sinto confortável em ter alunos com essas necessidades.

b) Sinto-me desafiado.

c) Não tenho preparação pedagógica.

d) Não tenho tempo para pesquisar aulas diferentes e adaptadas.

e) É indiferente, porque planejo para todos a mesma aula, independente das necessidades específicas.

3) Na tua opinião, as principais dificuldades para garantir as aprendizagens e a inclusão dos alunos com necessidades educacionais específicas são:

a) pedagógicas.

b) na estrutura da escola.

c) na formação pedagógica.

d) na preocupação social com o desenvolvimento dos conteúdos.

4) Diante da realidade da escola, do teu trabalho docente e da inclusão de alunos com necessidades específicas, como a tua prática pedagógica tem garantido as aprendizagens a todos os alunos?

Apêndice 5 – Questionário II



-Projeto de Pesquisa: Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na alfabetização

Pesquisador responsável: Marilei Moraes da Silva

Orientadora: Angelita Hentges

2º Encontro - 06/10/2020 google meet, duração cinquenta minutos.

- a) Como foi teu primeiro contato, como professora, com alunos com necessidades específicas? Sentias-te preparada pedagogicamente?
- b) Nesse primeiro encontro, quais foram teus maiores desafios?



Projeto de Pesquisa: Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na alfabetização

Pesquisador responsável: Marilei Moraes da Silva

Orientadora: Angelita Hentges

3º Encontro – 19/10/2020 – google meet – duração cinquenta minutos

- a) Acreditas que tua formação acadêmica te deu base para trabalhar com alunos com deficiências intelectuais?
- b) Na tua formação acadêmica aprendeste a fazer um planejamento inclusivo?



Desafios da Educação Inclusiva: o planejamento pedagógico na alfabetização

Planejamento -10/2020

Professora: **PA**

Público alvo: () TDAH () TEA () DISLEXIA (**x**) DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Conteúdo

Leitura e escrita alfabética

Objetivos

1. Valorizar a produção oral e escrita de ideias trabalhadas;
2. Oportunizar a leitura, a interpretação e a produção escrita;
3. Propor a produção de frases e de um pequeno texto informativo/expositivo, a partir de recursos visuais;

Competências BNCC para este conteúdo

O aluno deverá ser capaz de:

1. Expor oralmente informações e conhecimentos prévios;
2. Expressar e argumentar de forma oral e por escrito;
3. Reconhecer imagens e refletir sobre a escrita de palavras;
4. Elaborar frases a partir de recursos visuais;
5. Pesquisar sobre um determinado tipo de animal (suas principais características e modos de vida);
6. Produzir (coletivamente) um texto informativo/expositivo.

Dificuldades de aprendizagem evidenciada

O aluno decodifica o que lê (os signos), porém não consegue interpretar o que está escrito. Não desenvolve a leitura. Ele apresenta dificuldade de concentração

combinada com situações de agitação contínua, insegurança em realizar as tarefas sem o meu auxílio ou da mãe. Atividades que exigem atenção como cruzadinhas, por exemplo, são complicadas para o estudante.

Expressa-se bem oralmente (dependendo da atividade) e adora representar sua opinião através de desenhos.

Quais as dificuldades na flexibilização ou adaptação para este aluno desenvolver aprendizagens?

Não compreender qual é a dificuldade do aluno em desenvolver a leitura.

O estudante apresenta momentos de choro, de ansiedade e estresse quando não compreende algo e tem dificuldade de explicar o que está sentindo, sendo assim, busco tentar compreender o que está ocorrendo durante as aulas, porém me angustia nem sempre visualizar de forma concreta as dificuldades dele.

Tenho dificuldade de adaptar algumas atividades para ele nesse momento de aula on-line, pois mesmo separando as turmas e colocando-o em um grupo “mais tranquilo”, ele tem uma ansiedade de fazer as coisas com pressa e chamar a minha atenção a todo o momento.

Atividades:

1º Momento: Treinando a interpretação e a oralidade.

Partindo do que já se observou sobre o aluno, pode-se intuir que ele participa mais ativamente e com mais concentração de atividades que envolvem recursos visuais, criatividade e oralidade. Sendo assim, será apresentado, ao estudante, um vídeo com uma sequência de imagens de animais, para que ele:

- Faça o reconhecimento desses animais e compartilhe esta informação oralmente;
- Formule, com o auxílio da professora e de um quadro, frases em que os animais do vídeo se façam presentes. Neste momento, a professora deve instigar o aluno a usar toda a criatividade - que já demonstrou ao longo das aulas -, para dar detalhes sobre esse animal, criar nomes, situações reais e/ou inventadas.

2º Momento: Hora da produção escrita

Uma atividade que pode ser feita com este aluno, já que ele ainda demonstra receio em colocar no papel (de forma escrita), aquilo que cria e oraliza com tanta facilidade, é uma produção textual conjunta e com auxílio da professora.

Primeiro serão colocadas no quadro as frases que o aluno foi criando e verbalizando a respeito dos animais. Depois, será oportunizado ao estudante que ele escolha um ou mais dos animais do vídeo, para compor um pequeno texto informativo/expositivo.

Podemos utilizar algumas das frases já criadas pelo aluno e escritas no quadro, bem como as descobertas através da pesquisa sobre o animal estudado para compor um texto coletivo - que pode ser feito inclusive em um grupo maior de alunos.

Por fim, o aluno fará uma ilustração do animal pesquisado, algo que o estudante sempre pede para realizar ao final das tarefas.

Público-alvo: Para quem vou planejar? Quais as dificuldades evidenciadas? Para aluno com dificuldade de aprendizagem na leitura. O aluno decodifica o que lê (os signos), porém não consegue interpretar o que está escrito. Não desenvolve a leitura. Apresenta dificuldade de concentração combinada com situações de agitação contínua, insegurança em realizar as tarefas.

Expressa-se bem oralmente (dependendo da atividade) e adora representar sua opinião através de desenhos.

- Conteúdo: o que vou ensinar?
Conteúdos curriculares (Sons e símbolos, letras e imagens)
- Objetivos: o que quero que meu aluno aprenda?
Desenvolva a alfabetização. -Domine as relações entre grafemas e fonemas; decodifique palavras e textos escritos.
- Como vou aplicar? Adaptação curricular.
Com atividades interativas, musicais e lúdicas, com uso de material concreto.
- Como vou avaliar? Através de análise qualitativa e contínua de conhecimento, conforme o avanço no desenvolvimento da leitura (dificuldade evidenciada), aumentando gradativamente o nível de dificuldade.

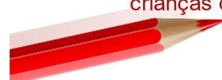
Apêndice – 8

Planejamento e Oficina criativo.



Planejamento inclusivo: importante ferramenta docente para a educação inclusiva.

A pesquisa que deu base para este produto educacional intitula-se Desafios da Educação Inclusiva: O planejamento pedagógico na alfabetização. Dela resultou a elaboração de um planejamento inclusivo construído conjuntamente entre a pesquisadora, autora desta pesquisa, e a professora alfabetizadora, professora convidada que foi entrevistada. A investigação que deu origem à dissertação, teve como objetivo compreender o processo formativo da professora alfabetizadora participante, em relação ao planejamento de atividades específicas para as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem na alfabetização.



APRESENTAÇÃO

3

Convidamos os leitores a conhecerem como foi o processo investigativo, no qual são relatadas as experiências entre professora alfabetizadora e professora pesquisadora. A partir dele compreendemos como os docentes procuram assegurar as aprendizagens para estudantes com diferentes formas de aprendizagem e como planejam para esses alunos. Este processo proporcionou-me compreender um pouco mais sobre a importância de estar em busca constante pelo conhecimento.



Venha conosco!

4

O QUE COMPRENDEMOS COMO IMPORTANTE?



- Que é importante conhecer as diferentes vertentes pedagógicas, mas é preciso que as graduações propiciem uma carga horária maior para a prática em salas de aula, que os estágios probatórios sejam voltados para a prática em diferentes realidades.
- Que o planejamento, ferramenta de trabalho do professor, é apenas um meio para tentar buscar o desenvolvimento das diferentes formas de aprendizagens e deve ser melhor orientado e construído nas graduações.
- Que as cadeiras de educação inclusiva precisam abrir o leque das diferentes formas de aprendizagens, para que o futuro professor tenha mais preparo para o trabalho docente, no sentido de construir planejamentos inclusivos.



REFLITA CONOSCO!

5

PLANEJAR PARA INCLUIR!



- O planejamento individual representa um processo democrático para o desenvolvimento das aprendizagens, é através dele que se pode ter uma rotina de estudos que abra um leque de possibilidades para o aprender nas suas diferentes formas.
- Não podemos fingir que aprendemos, nem tão pouco fingir que ensinamos, somos professores e precisamos ter uma constante prática reflexiva e atuante no nosso fazer pedagógico.
- Não basta estar na escola é preciso aprender e para que essa aprendizagem aconteça o professor necessita estimular e desenvolver a confiança dos seus estudantes
- A educação é o que faz a diferença no futuro de todos!



Continue com a gente!

6

O que nos interroga?

Formação

- Como um professor pode construir um planejamento inclusivo visto que sai da faculdade e não tem conhecimentos específicos sobre diferentes formas de aprender?
- Como um professor, formado em um sistema educacional que caminha a passos muito lentos para uma educação inclusiva, pode não ter dificuldades em promover uma educação inclusiva ?
- Como pode um professor se debruçar e construir adaptações pedagógicas num planejamento inclusivo, visto que tem uma turma inteira com diferentes formas de aprendizagens e não teve formação para isso?




7

NAS TRILHAS DO PLANEJAMENTO.



- O planejamento é uma ferramenta pedagógica importante para o trabalho docente. Ele orienta e organiza a rotina, indica o quê e como será ensinado, também qual o objetivo se quer alcançar com ele. Planejar é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e como avaliar o que se pretende atingir. Por isso, ao planejar é preciso conhecer os alunos, articulando o saber escolar com as suas condições, de tal forma que possa proporcionar a sua aprendizagem. A promoção de uma educação inclusiva requer a elaboração de planejamentos que contemplem a individualidade de cada um, com as necessidades e os interesses do aluno. Abordando uma proposta avaliativa contínua e colaborativa valorizando os diferentes saberes e as diferentes maneiras de aprender. É isso que tentamos realizar!
- No desenvolvimento deste processo foi proposto que a professora alfabetizadora construísse um planejamento para um aluno que apresentasse dificuldade na aprendizagem em sua turma de 2º ano, do ensino fundamental de acordo com os conteúdos programáticos, para o 3º trimestre, conforme o Plano Anual de estudos da escola Recanto (nome fictício). O plano anual da instituição baseia -se na Base Nacional Curricular Brasileira - BNCC. O objetivo geral para o segundo ano do Ensino fundamental é dominar as relações entre grafemas e fonemas; saber decodificar palavras e textos escritos; saber ler, reconhecendo globalmente as palavras; ampliar a sacada do olhar para proporções maiores de texto que meras palavras, desenvolvendo assim a fluência e rapidez de leitura(fatiamento).





A professora planejou para um aluno com sete anos de idade, que não conseguia desenvolver o processo de leitura. Durante a investigação o aluno morava junto da mãe e os avós maternos. A mãe trabalhava fora e a pessoa responsável em acompanhar o estudante em sua rotina escolar nas aulas que aconteciam de forma remota, era sua avó de setenta anos que não tinha nenhum conhecimento tecnológico. Este aluno era um ótimo copista. Copiava todos os exercícios e atividades propostas com muita facilidade, possuía uma grafia clara e legível, porém não conseguia ler o que escrevia. Reconhecia fonemas e grafemas, mas no conjunto da escrita não conseguia desenvolver a leitura, a decodificação dos símbolos. Diferente de números e algarismos os quais reconhecia e fazia a leitura numérica, porém sem interpretar os enunciados das questões apresentadas.



Guia de orientação para elaboração do planejamento:

- **Público Alvo** : Para quem vou planejar? Quais as dificuldades evidenciadas?
- **Conteúdo**: o que vou ensinar?
- **Objetivos**: o que quero que meu aluno aprenda?
- **Como vou aplicar?** Adaptação curricular. No início de cada proposta de atividades é preciso retomar, lembrar “amarrar” saberes prévios sobre os temas abordados em cada atividade. A aprendizagem deve ser contínua, ela não é uma “coisa” que se aprende hoje e amanhã passamos para outra. Ela deve ser estimulada diariamente.
- **Como vou avaliar?** Análise qualitativa e contínua de conhecimento.

9



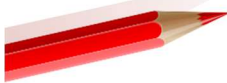
10

Planejamento e as adaptações.



• Plano de aula 1:

- **Público Alvo:** Para quem vou ensinar? Para aluno com dificuldade de aprendizagem na leitura.
- **Conteúdo:** Sons e símbolos, letras e imagens.



- **Objetivos:** Desenvolver a alfabetização. - Dominar as relações entre grafemas e fonemas; decodificar palavras e textos escritos.
- **Como vou aplicar** - Para as atividades adaptadas apresentamos nossa mascote, o Senhor Alfabeto. Boneco construído de feltro. Ele nos ajudará a desenvolver as adaptações em diferentes atividades de alfabetização de forma lúdica. No primeiro momento a professora explanará a proposta de atividade, contextualizará e retomará saberes anteriores a essas atividades.

11

AVALIAÇÃO.



• Como vou avaliar-

Cada atividade será avaliada de acordo com o avanço no desenvolvimento da leitura (dificuldade evidenciada), aumentando gradativamente o nível de dificuldade, conforme a aquisição da leitura.



Senhor Alfabeto.

12

Adaptação curricular nº1



- Para desenvolver a oralidade e a consciência fonológica, planejamos um momento de musicalização objetivando o reconhecimento dos sons e a referência com as letras.
- Musicalização- "Jogo Musical - Vira copo!". Para isso será preciso um copo ou caneca de plástico, e não pode ser daqueles frágeis que quebram facilmente. Canção para acompanhar com a batida dos copos ou canecas.



* Além de ser uma atividade divertida com sons realizados através do objeto, vamos trabalhar a oralidade, a lateralidade, a concentração, a coordenação motora e o ritmo musical.

Música:

Mo- to -ris - ta, mo- to - ris - ta

O - lha o pos -te ,o -lha o pos - te

Não é debor - ra - cha, não é debor - ra - cha

Faz do - dói. Faz do - dói.

A professora canta a música com a turma (essa ou outra música), para que tenham conhecimento do ritmo. Após combina que todos batam o copo, juntos a cada separação silábica e vai acelerando o ritmo, ou combinando em bater o copo somente com as sílabas mais fortes, ou mais fracas. Após a atividade o aluno,

cria uma adaptação para a música trabalhada usando outras palavras e dando continuidade à brincadeira

13

Adaptação curricular n º 2 -

Jogo dos coletivos.

- Para desenvolver a fonética, a leitura e a atenção, trabalhar as sílabas através de um jogo da memória, dos coletivos.
- Para desenvolver a leitura e escrita o aluno será instigado a reconhecer o significado da palavra (coletivo) e as palavras com o mesmo som, reconhecer a figura correspondente a cada coletivo, escrever no caderno e criar uma frase.



14

Adaptação curricular n º 3

Sons e letras.

- Com a ajuda do Sr Alfabeto e a brincadeira do copo, o aluno será estimulado a ler, fazer a separação das sílabas e bater o copo na mesa, de acordo com o número de sílabas trabalhadas. Após esta atividade, o aluno poderá escrever outras palavras e continuar a brincadeira.



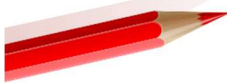
15

Adaptação curricular n ° 4



Jogo de palavras com o Senhor Alfabeto.

- A professora construirá cards com imagens e sílabas, para que o aluno identifique a imagem, reconheça os sons, encontre a palavra, monte, escreva algumas em seu caderno e leia o que escreveu.



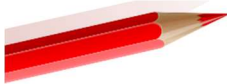
16

Adaptação curricular n ° 5



Trabalhando o som das letras de forma lúdica.

Jogo de rima: De acordo com cada letra o aluno será desafiado a oralizar palavras com o mesmo som (rima), escrever em seu caderno e ler, fazendo a conexão das letras.



17

Adaptação curricular n °6.

Projeto de Leitura

- O estudante levará o Sr Alfabeto e uma literatura infantil (esc olhida pelo aluno ou sugestão da professora) para casa com a proposta de fazer uma leitura junto da família. Após a leitura, com o apoio da família, o estudante será desafiado a escrever pequeno texto, explicitando a parte que mais gostou, ou o que entendeu da história e apresentar aos colegas, na sala de aula (o que pode ser feito com todos os alunos).



18

Adaptação curricular n ° 7

Quebra-cabeça

- Meios de comunicação. A professora fornece a imagem, o estudante pinta, recorta e monta. Após a montagem, identificará oralmente os meios de comunicação que a imagem apresenta. Após a explanação oral, e conhecendo o som das palavras, será instigado a escrever no caderno e fazer a leitura.



19